



Anais do
III Seminário de
Comunicação e
Territorialidades
2017

PÓSCOM

Programa de Pós-Graduação em
Comunicação e Territorialidades



Centro de Artes
Universidade Federal
do Espírito Santo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Reitor

REINALDO CENTODUCATTE

Vice-Reitora

ETHEL LEONOR NOIA MACIEL

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

NEYVAL COSTA REIS JUNIOR

Pró-Reitora de Graduação

MARIA AUXILIADORA DE CARVALHO CORASSA

Superintendente de Cultura e Comunicação

EDGARD REBOUÇAS

Diretor do Centro de Artes

PAULO SÉRGIO DE PAULA VARGAS

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação e
Comunicação e Territorialidades**

FÁBIO MALINI



III SEMINÁRIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

EXPEDIENTE

Coordenação geral
FABIO MALINI

Organização
DANIELA ZANETTI

Produção do Caderno de Resumos
RUTH REIS

Arte
TASSO GASPARINI

Secretária do PÓSCOM-UFES
SIMONE AZEVEDO

Agradecimentos
DEPCOM, SUPECC, CINECLUBE METRÓPOLIS e CENTRO
DE ARTES

Sumário

Representação dos crimes contra a vida das mulheres na imprensa capixaba.....	6
A nova cara da direita no Brasil: um estudo sobre o grupo político MBL	7
Youtubidade: questões de (sub)territorialidade e webcelebridades	8
Trabalho Imaterial: a produção “solidária” do Fora do Eixo.....	9
À margem do jornal: a representação da periferia na imprensa capixaba	10
Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e as realocações do sujeito na pós-modernidade.....	11
Midiativismo no Facebook: O coletivo Ninja ES e a produção de territórios informacionais independentes.....	12
Steven Universo e as nuances queer dentro da animação infantil	13
#ESTUPRONUNCAMAIS: a territorialização do ciberespaço e a comunidade de apoio às vítimas de estupro na rede.	14
Midiatização da vida social das Anas e Mias.....	15
O melodrama pop em Quentin Tarantino: uma resignificação do gênero cinematográfico em um território de alteridades.	16
Whatsapp como incentivo ao jornalismo participativo –	17
Transformações no TN 1ª edição, da rotina produtiva ao relacionamento com o telespectador.....	17
A comunicação da Pastoral Operária dos anos 1980 e 2010: estratégias, cotejos e apontamentos	18
Desterritorialização e reterritorialização: o cotidiano visto através da fotografia em três tempos.....	19
Tempo em Jogo: Diferentes percepções do tempo dentro das narrativas de jogos digitais.	20
[re]existir ao presente.....	21
O posicionamento do jornal a gazeta no processo titular das comunidades quilombolas no es	22
Mudanças estruturais no jornalismo: o caso do espírito santo entre 1996 e 2016.....	23
A rede que a cada ponto é amarrada: as territorialidades dos jogadores e	

caxambuzeiros na trílice fronteira.....	24
Hegemonia carioca no Espírito Santo: a influência da mídia na maneira de o capixaba acompanhar futebol	25
“Shanté you stay”: mídia, corpo e subjetividade	26
Memórias do Rio Doce em Itapina	27
A cidade delas: arte urbana pelo direito das mulheres.....	28
A análise do discurso político no impeachment de Dilma.....	29
Circuitos musicais: teia de conceitos e possibilidades de pesquisa	30
O real inobservável e a transposição do discurso da ciência para a televisão em documentários científicos.....	31
Marcas narrativas da cultura do estupro – Uma análise da misoginia contra Dilma Rousseff no ciberterritório	32
Narrativas: dimensões simbólicas da memória do jongo em territórios negros	33
A representação do cotidiano nos documentários capixabas rodados no Revelando os Brasis.....	33
Entre a ciência e a mídia, um olhar sobre a (re)significação do conceito de agroecologia.....	35
Febre amarela: uma análise da abordagem da comunicação pública na mídia impressa durante epidemia no espírito santo	36
#NaoFoiAcidente: disputas narrativas entre a mídia e os usuários do Twitter sobre o desastre da Samarco no Rio Doce	37
“Colaboração e apropriação mercadológica em financiamentos coletivos”	38
Estratégias de resistência nas autobiografias de Lúcia Murat.....	39
O jornalismo como palco de disputas discursivas: o movimento feminista no jornal A Gazeta do Espírito Santo (1986 e 2016)	40
O início, os vários fins e o meio: a crise dos jornais sob um olhar histórico.....	41
A população em situação de rua na região metropolitana da Grande Vitória e sua representação nos meios de comunicação locais do ES	43
A territorialidade das câmeras de segurança: as imagens desses dispositivos no telejornalismo capixaba.	44
Hegemonia midiática e a reforma do ensino médio: uma análise de enquadramento.....	45

Representação dos crimes contra a vida das mulheres na imprensa capixaba

Ademar Possebom Pessini Junior

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo

Palavras-chave: imprensa capixaba; análise de conteúdo; crimes contra a vida; feminicídio; representação social.

O Estado do Espírito Santo convive com um destaque nacional: historicamente, lidera as já regularmente alarmantes estatísticas sobre os crimes contra a vida das mulheres (muitas vezes, feminicídios), que por sua vez estão entre os mais recorrentes no violento Brasil. A trajetória da violência contra a pessoa remonta grave há pelo menos 80 anos nas terras capixabas, segundo pesquisas recentes. Como as relações de poder mais diretamente relacionadas a este tema têm sido representadas na comunicação capixaba? Esta é a principal questão deste trabalho, que traz a análise de conteúdo, combinada aos estudos de representação social, para ser empregada no estudo do território das narrativas do noticiário local mais relevante.

Em análise preliminar das reportagens veiculadas num dos mais relevantes veículos de comunicação capixabas (o jornal A Tribuna), durante o mês de setembro de 2016, é possível observar alguns indicadores, como a abordagem quase sempre individualizante e descontextualizada dos crimes, sem nem mesmo o resgate dos elementos mais reconhecidos que podem indicar a gravidade das recorrências (a não ser em raras entrevistas com autoridades policiais). Que representação social dessa realidade é construída? O que significa a ausência do que já construíram e constroem os movimentos sociais locais de enfrentamento desta criminalidade? O que essa diferença constrói? Como a produção científica da área de comunicação (especialmente os capixabas) tem abordado a questão? O que leva a imprensa a divulgar tais conteúdos passa por questões estruturais da indústria das mídias?

Mas a proposta desta pesquisa é ir mais à mediação – mais especificamente ao que o conteúdo veiculado compõe de reflexão sobre o tema, indo participar da construção de sentidos. O trabalho da pesquisa programado tem as seguintes etapas previstas, nesta ordem: 1) revisar a bibliografia sobre o tema; 2) obter e analisar as reportagens de A Tribuna (inclusive a partir da montagem de um quadro estatístico para mapear recorrências e ausências); 3) cruzar as referências com a realidade encontrada; e 4) produzir conhecimento inédito sobre o assunto em formato de dissertação de mestrado e artigo científico.

A nova cara da direita no Brasil: um estudo sobre o grupo político MBL - Movimento Brasil Livre

Allan Cancian Marquez

Mestrando no programa de Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pesquisador do Laboratório de Estudos em Imagem e Cibercultura (Labic).

Palavras-chave: big data; direita; teoria ator-rede; cibercultura; movimentos sociais.

O ciberespaço permitiu a aproximação de várias realidades, trazendo para o mundo globalizado experiências diversas que permitiram a implantação e manutenção de formas de sociabilidade em torno de interesses específicos. A popularização da direita é um desses interesses que gerou grande procura em nosso país, sendo um importante movimento em curso desde 2014, quando ocorreram as primeiras manifestações antipetistas no Brasil. Emergiu neste contexto grupos opositoristas ao governo Dilma Rousseff e ao Partido dos Trabalhadores – como o Movimento Brasil Livre (MBL) – que usavam das redes sociais para alcançar cada vez mais pessoas insatisfeitas com o momento do país. Dessa forma, buscamos discutir e entender a ascensão de grupos conservadores ligados ao discurso ideológico de direita, usando como objeto de estudo o Movimento Brasil Livre (MBL), por ser o grupo que mais gerou e ainda gera discussões e controvérsias em rede.

Compreender a territorialidade de grupos conservadores de direita e suas estratégias utilizadas para narrar os fatos a partir de conceitos sobre comunicação, cibercultura, poder e política, nos tempos de sociedade em rede, serão alguns dos caminhos que este trabalho irá percorrer. Para isso, propomos uma análise de conteúdo que busca listar e investigar semanticamente as principais palavras utilizadas pelo grupo em suas páginas, para assim compreender a organização interna do movimento, suas peculiaridades, posicionamentos e estratégias na rede e rua.

A proposta desse trabalho é entregar uma visão qualitativa sobre o assunto, com um percurso exploratório que busca situar as principais fundamentações teóricas ao partir da revisão bibliográfica de literaturas do universo da comunicação, cibercultura e política, passando principalmente pela Teoria Ator-Rede de Latour (2012), discussões sobre big data e sobre a nova direita no Brasil (SINGER, 2012; GOHN, 2016; CODATO, 2016). Será necessário realizar a coleta de dados das páginas nacionais e regionais do MBL no Facebook, utilizando as semanas das quatro principais manifestações do grupo (2015 e 2016), bem como da semana do impeachment de Dilma Rousseff (última semana de agosto de 2016) e do vazamento da delação da JBS contra o então presidente Michel Temer (junho de 2017). Com todos os dados extraídos, a estratégia será analisar individualmente cada um desses períodos, para assim descobrir as narrativas e o contexto histórico, representado na pesquisa pelos principais termos postados pelo grupo. Pretendemos, assim, criar um dicionário dos principais vocábulos utilizados pelo MBL, para identificar o movimento do objeto em relação as suas ideologias, discussões e recepções.

Como percepções identificadas até o momento, visualizamos que o Movimento Brasil Livre se firmou como principal grupo antipetista nas manifestações de 2014 e 2016, mas que seu discurso sofreu bastante controvérsia após a entrada de Temer na presidência da república.

Referências

- BOLOGNESI, B; CODATO, A. Political representation in Southern Europe and Latin America II: Latin America. VIII Congresso Associação Portuguesa de Ciência Política. Lisboa, Portugal. 2016.
- GOHN, M. D. G. M. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.
- LATOUR, B. Reagregando o Social – uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador- Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.
- SINGER, A. Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro. São Paulo: Edusp, 2002.

Youtubidade: questões de (sub)territorialidade e webcelebridades

Amanda Meschiatti Vasconcelos

Mestranda de Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista do Fundo de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Integrante do grupo de pesquisas Cultura Audiovisual e Tecnologia (CAT).

Daniela Zanetti Douto

ra em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordenadora do grupo de pesquisas Cultura Audiovisual e Tecnologia (CAT).

Palavras-chave: YouTube, webcelebridades, subterritórios, infoterritorialidade.

O conceito de territorialidade nos obriga a uma busca aprofundada do “You” (você) que compõe o YouTube. Com isso, queremos dizer que nosso objeto de interesse aqui é a rede social que se estabelece no site de compartilhamento de vídeos mais acessado do mundo.

Por territorialidade, entendemos as noções de vivência, de pertencimento, de identidade, da influência de uns sobre outros e do afeto em um território. Em suma, as territorialidades são as relações humanas que envolvem a sociabilidade e se cristalizam a partir da experiência de um território, seja ele material ou simbólico, como é o caso dos territórios que tem como suporte o ciberespaço.

Nos enveredamos, portanto, no mesmo caminho já trilhado por alguns autores ao levantar a ideia de uma Youtubidade. Burgess e Green (2009), em sua pesquisa precursora sobre o YouTube e a Revolução Digital, explicam a Youtubidade como uma espécie de cultura comum partilhada e particular, criada e vivida pelos usuários do YouTube. O termo, apesar de se dizer respeitar a complexidade e a diversidade da rede, procura unificar as relações e os modos de participação no site a um denominador comum.

Em nossa perspectiva, nos debruçamos acerca de um tipo específico de territorialidade pinçado em meio ao universo total das relações na rede social do YouTube. Lançando mão da observação de casos, levantamos a hipótese de subterritórios localizados em um nicho da plataforma que se estabelecem

a partir de canais de youtubers, isto é, os criadores de conteúdo do site que se tornam webcelebridades e criam redes de adoração, identificação e pertencimento em seu entorno.

Desse modo, estas personalidades agem por meio do afeto nas subjetividades de seus espectadores, dominando uma área com seu capital social e simbólico, ao passo que fermentam uma aura comunitária por onde deixam sua marca, isto é, em seus perfis de redes sociais. Sendo assim, no contexto de sociedade em rede, este novo tipo de celebridade acaba tendo a importância de um condensador cultural à medida que catalisa as subjetividades para propósitos em comum e é matriz de sociabilidade nos subterritórios digitais que extravasam suas influências para além dessas fronteiras.

Trabalho Imaterial: a produção “solidária” do Fora do Eixo

Amanda Teixeira Silveira

Graduada em Jornalismo (UVV) e mestranda em Política Social (UFES).

Email: mandtsilveira@gmail.com

Palavras-chave: Coletivo de cultura; Comunicação; Economia solidária; Trabalho imaterial.

A rede de coletivos Fora do Eixo teve início em 2005 e entre 2008 e 2013 cresceu com o apoio do governo Lula (PT), a fim de ultrapassar o cenário cultural presente no Rio de Janeiro e São Paulo. São 2000 integrantes que moram nas casas e atuam como produtores culturais da rede (SAVAZONI, 2014). O pilar da rede de coletivos Fora do Eixo são as diretrizes da economia solidária¹, defendida por alguns autores como política pública “anti-neoliberal” e “anti-capitalista” (DARDENGO, 2013).

Neste contexto, os estudos sobre trabalho imaterial, por exemplo, tiveram forte expansão com a ampliação dos “setores de serviços”, devido o advento da reestruturação produtiva, na década 1970, o qual aponta o “fim da centralidade do trabalho” no mundo capitalista contemporâneo (ANTUNES, 2000). Assim, houve a diminuição de empregos e ao mesmo tempo o crescimento das atividades que visavam a intelectualidade. Gorz (2005) discorre junto à linha de pensamento de Lazzarato e Negri (2001), sobre as potencialidades do trabalho no campo da autonomia em que destaca o saber do indivíduo mais valioso que o tempo da máquina. Com este pensamento, o homem também carrega consigo o capital e o capital da própria empresa. O que fica em evidência é “a inteligência, a imaginação e o saber que juntos constituem o capital humano” (GORZ, 2005, p. 16).

O processo de trabalho é um meio de valorização do capital e, neste contexto, há o questionamento sobre a condição dos integrantes do Fora do Eixo, se estes são trabalhadores produtivos ou improdutivos, se são explorados e por quem são explorados. Para o defensor da economia solidária Paul Singer, os empreendimentos econômicos solidários ainda que convivam com o capitalismo não reproduzem sua organização e também não exploram os trabalhadores (SINGER, 2000). Assim, é reforçado por estes autores que o trabalho passou para uma nova configuração, na qual o indivíduo munido de novas obrigações e levado pela motivação possui uma postura diferenciada no processo de produção que, em suma, é o trabalho imaterial (LAZZARATO; NEGRI, 2001).

Assim, as dimensões apoiadas nos teóricos imateriais estão distantes do pensamento marxista acerca do modo de produção capitalista, pois este modo de produção evidencia o produto imaterial no qual é fruto da “indústria humana”, de acordo com os teóricos imateriais (MONTAÑO, 2014). Para tanto, podemos verificar, preliminarmente, que o Fora do Eixo se apresenta com essas características, principalmente por estar apoiado no pilar da economia solidária que, segundo Dardengo (2013), traduz as relações de trabalho precário, subordinado e sem direitos, a um discurso de liberdade e de autonomia que se configura como funcional ao capital.

À margem do jornal: a representação da periferia na imprensa capixaba

Ana Carolina Ronchi

Mestranda em Comunicação e Territorialidades – Poscom/Ufes

Edgard Rebouças

Orientador

Palavras-chave: Teorias do Jornalismo; Periferia; Imprensa Capixaba

Compreendemos o jornalismo como uma instituição autorizada a narrar o cotidiano. E é ao voltarmos para essa concepção sócio-histórica da função que trazemos como problema de pesquisa o questionamento: como a imprensa capixaba representa a periferia? Temos como pretensão de pesquisa problematizar e entender o lugar de fala do jornalismo, trazendo à tona também questões de como e por que o legitimamos. A problemática perpassa o interesse de compreendermos como foi construído esse campo que tem o poder de nos informar. Michael Kunczik (1997) e Nelson Traquina (2008) traçam o panorama do jornalismo como profissão e demarcam definições e características pertencentes à área. Nessa perspectiva, em um primeiro momento, lançaremos mão de teorias, em especial a do Newsmaking, com o intuito de entender o processo de produção das notícias. É notável que, como um narrador do social, o jornalismo não consegue incorporar em suas narrativas todos os acontecimentos que circundam o mundo. Dessa forma, assimilamos a construção da notícia como um verdadeiro modo de produção. Modo este que, precisa de critérios que sinalizem o que é relevante ou não para ser publicado.

O jornalismo a todo momento informa sobre acontecimentos sociais, por isso, ele relata sobre o outro e para o outro. Nesse sentido, as representações sociais acabam também por permear a produção jornalística. Na elaboração de conteúdo noticioso, faz-se necessário trazer à tona representações que marcam, identificam e tecem sentido social sobre aquele que é narrado. Assim, para entender o que a imprensa capixaba fala sobre a periferia (e como ela fala), exploraremos também os tipos de representações que são lançadas sobre esse território. Para uma compreensão mais ampla da problemática que envolve o tema, o primeiro método a ser utilizado será a pesquisa bibliográfica. Tal procedimento acompanhará a investigação por todo o seu percurso, proporcionando, dessa forma, a reflexão acerca do tema, além de embasar futuras indagações. Em um segundo momento, faremos uso da Análise de conteúdo. Pretendemos explorar o segundo semestre do ano de 2017 do Jornal A Gazeta. Com o sur-

gimento ainda no início do século XX, o veículo se apresenta como um ícone da imprensa capixaba, simbolizando, dessa maneira, uma rica fonte para a compreensão de como a mídia do Espírito Santo representa a periferia. Por fim, pretende-se ainda entrevistar dois profissionais que atuam (ou atuaram) na área. A maneira como se produz conteúdo (inclusive o jornalístico) diz respeito também à visão de mundo que cada um detém. Por consequência, faz-se importante entender alguns desses diferentes pontos de vistas que, diariamente, são responsáveis por elaborar conteúdos sobre a cidade e a periferia do Espírito Santo.

Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e as realocações do sujeito na pós-modernidade

Ana Paula Coelho

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: ana.coelho.jornal@gmail.com

Fabio Malini

Orientador do trabalho. Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: fabiomalini@gmail.com

Palavras-Chaves: Ciberfeminismo, Tecnocultura, Sujeito, Ciborgue.

O ciberfeminismo, no seu primeiro momento nos anos 1990, se propôs tanto a criar uma rede de mulheres ativistas no ciberespaço quanto a inserir um novo campo de atuação e ocupação do feminismo, a tecnologia e a tecnocultura. O trabalho ao qual nos debruçamos aqui se propõe à investigação e contextualização do ciborgue, as influências do pós-humano no movimento feminista e as disputas pelo imaginário. O domínio do espaço tecnológico por mulheres é encarado como uma maneira de emancipação feminina do sistema econômico e político excludente, reproduzido também nas zonas de conhecimento e cultura. Para esta pesquisa propõe-se compreender e rastrear táticas feministas e ciber na corrida pela emancipação das mulheres no campo da tecnologia indissociado da política e economia global.

O Manifesto Ciborgue de Donna Haraway é uma crítica ao feminismo e ao socialismo, no ponto em que ascende a técnica como passo importante na compreensão de um ser híbrido cada vez mais avesso à uma identidade fixa e única e que está sujeito às mudanças políticas e econômicas em estreito relacionamento com as máquinas. O alerta está na definição do ciborgue como um ser sem ideologia, sem gênero e cínico (HARAWAY, [1985] 2016). Para ela, enquanto o ciborgue não for apropriado e compreendido pelos movimentos sociais como uma faceta humana inseparável da técnica eles serão engolidos por um monstro sem ética e sem moral fundado em uma organização política informacional.

A mistura do mito, com a literatura e as tendências no campo social e do conhecimento no manifesto tornam o ciborgue uma criatura ainda mais vívida, presente e essencial para uma nova organização política. Ele não só é mito como também faz parte da realidade humana. Além de ser um híbrido, incorpora, traduz e se inscreve nas relações humanas, 1 Mestranda do Programa de Pós-graduação

em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: ana.coelho.jornal@gmail.com 2 Orientador do trabalho. Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: fabiomalini@gmail.com na política, na ciência e na cultura, e, também, no corpo e nas políticas de controle e vigilância. Esse é o sujeito ciborgue que insiste diariamente em uma cultura cada vez mais técnica e em relações de interface e que é admitido para o ciberfeminismo como recurso revolucionário.

Referências

HARAWAY, Donna Jeanne. Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinvencción de la naturaleza. v. 28. Universitat de València, 1995.

IRIGARAY, Luce. A questão do outro. Labrys: estudos feministas, n. 1-2, julho/dezembro 2002.

LEMOS, Marina Gazire. Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas. PUC-SP: 2009.

Midiativismo no Facebook: O coletivo Ninja ES e a produção de territórios informacionais independentes

Ana Paula Miranda Costa Bergami

Mestranda no programa de Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pesquisadora do Laboratório de Estudos em Imagem e Cibercultura (Labic). Orientanda do Professor Doutor Fabio Luiz Malini de Lima.

Palavras-chaves: midiativismo; big data; biopolítica; cibercultura.

Os sites de redes sociais representam um espaço de trocas e interações, que determinam novas sociabilidades contemporâneas, em que os indivíduos realizam processos de participação e conversação de temas relacionados às suas vivências individuais e coletivas. Constituem também importantes instrumentos de mobilização social e de conflitos com as estruturas do poder constituídos. Nesse cenário, destacamos a atuação do coletivo de mídia livre Ninja ES no Facebook. Composto por ciberativistas, o grupo narra, em tempo real, com suas audiências, fatos sociais associados aos diferentes atos de ruas dos movimentos sociais. Os “ninjas” modificaram estéticas, estruturas narrativas e a posição de sujeito da deontologia jornalística.

Partimos do pressuposto de que o coletivo Ninja ES, sediado em Vitória (ES), oferece uma relevante formação discursiva biopolítica, capaz de dar visibilidade àquilo que se oculta ou se criminaliza na imprensa. Nesta pesquisa, propomos uma análise de conteúdo (discurso e imagens) e das estratégias midiáticas do Ninja ES no ano de 2016, durante os dias de ocupação das escolas públicas capixabas e da sede da Secretaria de Estado de Educação (Sedu) pelos secundaristas. Na ocasião, os alunos protestavam contra a proposta de reforma do currículo do ensino médio e contra a PEC 55.

Pretendemos trabalhar com uma abordagem qualitativa. A pesquisa terá um percurso exploratório, com levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas com os ciberativistas. Haverá coleta

de dados, a princípio, com base nas postagens realizadas no Facebook nos meses de outubro e novembro de 2016. A partir do levantamento do material, será desenvolvida uma análise crítica e computacional do discurso (ACD), em que propomos estudar as maneiras como é possível empreender uma resistência, no contexto social e político, ao abuso do poder social, à dominância e à desigualdade por meio do texto e das imagens (VAN DIJK, 2005). A abordagem metodológica que pretendemos empregar tem sua base nas propostas de Michel Foucault (2014), abrangendo dois aspectos: um crítico e um genealógico.

Identificamos inicialmente três dimensões do midiativismo realçadas durante as ocupações secundaristas: a exclusividade na divulgação da indignação popular, a velocidade do processo de distribuição de conteúdos e os gêneros das publicações veiculadas pelo Ninja ES (e sua interrelação com o jornalismo).

Referências

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VAN DIJK, Teun A. Discurso, notícia e ideologia: Estudos na análise crítica do discurso. Porto: Campo das Letras, 2005.

Steven Universo e as nuances queer dentro da animação infantil

Arthur Gomes de Castro

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES)

Gabriel Menotti

Orientador

Palavras-chave: animação; gênero; sexualidade; infância;

O desenho animado norte-americano Steven Universe, criado por Rebecca Sugar e transmitido pelo Cartoon Network, além de ser um dos carros-chefes de audiência do canal desde sua estreia em 2013 é também bastante reconhecido por ser um exemplo de produto midiático que inclui uma variedade de vivências e experiências que são comumente consideradas fora da norma.

O objetivo principal deste projeto é entender como o desenho Steven Universo cria e difunde um ambiente de ideais inclusivos, desmistificando e normalizando estilos de vida e corpos denominados queer, pensando principalmente em como seu principal público decodifica e se identifica nesse universo. Para isso serão investigadas temáticas como: a teoria queer, pensando em como ela opera quando foca-se no mundo infantil; história, estética e linguagem da animação, tentando entender a historicidade e possibilidades narrativas do meio além de perceber como ele se comporta dentro dos âmbitos industrial e comercial que podem moldar seu conteúdo.

O primeiro passo será traçar pontos de contato entre a teoria queer e Steven Universo. Por se tratar do gênero audiovisual da animação é importante entender suas características estéticas, narrativas

e também os processos de produção envolvidos. A animação, apesar de comumente entendida como uma mass media infantil, inocente, encontra-se num limiar entre representação da vida real e fantasia. O mundo animado não funciona como o mundo real, é extremamente maleável e plástico mas opera numa ideia de separação e semelhança, operando por meio de metáforas e hipérboles para referenciar e representar a vida real, muitas vezes carregando forte caráter ideológico, ou então radicalizando e transgredindo essa realidade.

A teoria queer parte da ideia de que as normas de gênero são construídas socialmente, apesar de vistas como naturalizadas, e isso comporia a chamada heterossexualidade compulsória: homem age como homem e se relaciona com mulheres, e vice-versa. Quem desviar dessas normas é mau visto, excluído, subjugado. O queer, que surge do inglês como termo pejorativo que veio a ser ressignificado, seria esse excluído, ele é o diferente, é o “viado”, a travesti, a “sapatona”. A heterossexualidade compulsória age no mundo infantil quando, por mais que vistas como seres inocentes e desprovidos de sexualidade, ainda se é assumido que toda criança é heterossexual e crescerá para ter um relacionamento com alguém do gênero oposto no binário.

A força de Steven Universo surge quando, ao fazer uso do caráter maleável, transgressor e mágico da mídia animada para escorregar por cima dessas normas de gênero e apresentar de maneira extremamente cotidiana e corriqueira personagens queer para um público infantil que é visto como inocente, puro, e contraditoriamente heterossexual. A hipótese que sustenta esse trabalho é de que esse público não somente entende e assimila mas estabelece relações de identificação e reconhecimento com as experiências apresentadas nos episódios.

#ESTUPRONUNCAMAIS: a territorialização do ciberespaço e a comunidade de apoio às vítimas de estupro na rede.

Bianca Bortolon

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades (PPGCOM-UFES)

Fabio Malini

Orientador

Palavras-chave: ciberespaço; violência; feminismo

“Amassaram a mina, entendeu ou não entendeu?”. O tom de deboche marcava a fala inicial do vídeo compartilhado via Twitter pelo usuário @michelbrasil7 no dia 27 de março. Na gravação, jovens expõem, em meio a risos, uma menina de 16 anos desacordada e, em zoom, seu órgão genital sangrando. Além dele, trabalhava-se a hipótese do envolvimento de outros trinta e dois homens no estupro coletivo, ocorrido em uma comunidade no Rio de Janeiro. Horas depois, formou-se uma ampla rede de indignação e denúncias, em boa parte composta pela atuação de feministas que impulsionaram uma vigília online em oposição à cultura do estupro e contribuíram para estimular campanhas de apoio à vítima. Hashtags como #estupronuncamais e #estupronãotemjustificativa instigaram um extenso debate acerca a violência contra a mulher, constituindo uma rede de apoio à vítima e repulsa ao crime, com

participação ativa dos usuários no andamento das investigações.

. Muitas campanhas feministas, como “Mulheres Contra Cunha”, mobilizam-se por meio de atos presenciais organizados a partir das redes sociais. Outras, como #meuprimeiroassédio, permanecem no ciberespaço, produzindo territorialidades particulares e inovando em seus repertórios, como ao adotar o crescente uso de processos de autocomunicação, entendendo que é ao compartilhar suas histórias que os indivíduos sentem a segurança para conectar-se entre si e formar redes de vivência coletiva tanto da indignação quanto da esperança, de modo que cada pessoa, representada por um nó e interconectada a outros, possa se engajar em um movimento social (CASTELLS, 2013),

Como aponta Pereira (2015), o processo de territorialização do ciberespaço e as decorrentes novas práticas comunicacionais são elementos cruciais para o surgimento de novas performances e ampliação do leque de repertórios dos movimentos sociais na contemporaneidade, que podem casar as tradicionais ações de rua àquelas feitas exclusivamente online.

Para entender as redes feministas de apoio às mulheres vítimas de violência sexual na Internet e o modo como estas influenciaram o caminho da investigação do caso específico em questão, é preciso considerar as dinâmicas de territorialidade na Internet, visto que é por meio da territorialização do ciberespaço e a subsequente criação de comunidades virtuais que nasce a emergência de redes de suporte e autocomunicação feministas. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo a análise da ocupação nas redes durante o desenrolar do caso do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro e como as relações no ciberespaço transformam a organização do movimento feminista contemporâneo ao modificar, aprimorar e criar novas performances coletivas a partir de novas relações de territorialidade.

Referências

PEREIRA, Marcus Abílio G. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. Teoria & Sociedade, n. 18, 2, jul-dez., 2010, p. 1033.

CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 1º ed., 2013.

Midiatização da vida social das Anas e Mias

Cristina Oliveira dos Santos.

Mestre em Ciências Sociais - Ufes

Palavras-chave: mdiatização-anorexia-bulimia-whatsapp-sociabilida

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar a importância de um novo olhar metodológico como parte das conclusões obtidas com a dissertação “Borboletas na rede: Uma netnografia sobre práticas de anorexia e bulimia no ciberespaço”, defendida em março de 2016 na UFES. A pesquisa buscou se orientar por meio de um novo aporte metodológico, a etnografia virtual, para mostrar a sociabilidade criada pelas pró-anas e pró-mias, defensoras das práticas de anorexia e bulimia, respectivamente, criada dentro das redes sociais, em especial a uma comunidade do Whatsapp chamada de “Borboletas”.

Dentre as conclusões do estudo, - que permeou as

diretrizes da antropologia, sociologia, psicologia e comunicação social -, pode-se observar a importância, para essas jovens, da comunidade virtual e de toda mídiatização social que envolve suas vidas. A comunidade “Borboletas”, que simboliza toda uma transformação por qual seus corpos passarão desde que elas persistem na militância corporal, deixando de serem lagartas para se tornarem borboletas, ou seja, mulheres leves, magras e admiradas pela sociedade, demonstrou ser uma diretriz de suas vidas, e os laços sociais criados por elas na rede social virtual, aparentemente se tornaram mais fortes do que nas relações estabelecidas por elas no mundo off-line. Por meio desse vínculo social foi possível perceber as possibilidades de construção de corpos ditadas pelas anas e mias com base em um dos modelos corporais exaltados pela sociedade, e de uma formação de uma identidade social frágil baseada na imagem, bem como toda uma violência simbólica gerada pelas próprias praticantes, onde o sofrimento é supervalorizado.

Toda a mídiatização vivida por elas se interligavam por meio de várias mídias: por meio da televisão e propagandas em geral, elas mentalizavam que tipo de corpos gostariam de ter, criavam força e estabeleciam normas rígidas dentro do Whatsapp para poderem moldarem os corpos que desejavam para, mais à frente, poderem exibí-los nas vitrines das redes sociais virtuais de maior visibilidade, como o Facebook e Instagram. A quantidade de likes demonstraria o sucesso de toda militância corporal, como um termômetro para o alcance da felicidade. Na dissertação, foi utilizado o método descritivo da etnografia tradicional, com a descrição densa proposta por Geertz (1989), mas com o aparato tecnológico da comunicação oferecido pelo Laboratório de estudos de Imagem e Cibercultura (Labic-Ufes).

Referências:

GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989

O melodrama pop em Quentin Tarantino: uma resignificação do gênero cinematográfico em um território de alteridades.

Délio Freire

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Em Comunicação e Territorialidades

Palavras-chave – racismo; cinema; melodrama; campo.

A questão racial está presente na origem do cinema com o filme O Nascimento de uma Nação (1915), de D.W. Griffith, caracterizando o campo cinematográfico como um cenário de disputa da representação da negritude desde o seu início até os dias atuais. Nos anos 1950, o melodrama tornou-se um recurso necessário ao cinema para competir com a nova tecnologia que surgia: a televisão. Nosso objetivo é ver como, décadas depois, inicia-se uma resignificação do gênero melodramático através de um Melodrama Pop (Ismail Xavier). E como esse Melodrama Pop é o método escolhido por Quentin Tarantino para centralizar uma discussão em torno da identidade negra.

Nesse trabalho, o cinema e a forma de seu enfoque na problemática racial são reconhecidos como

um problema. É feito um levantamento de textos teóricos demonstrando e interpretando os processos de discurso e centralidade de personagens negros nas obras de Quentin Tarantino.

A partir da observação e interpretação realizada em torno de bibliografia sobre a representação do negro no cinema, das categorias teóricas Racismo (Muniz Sodré), Melodrama Pop (Ismail Xavier), Campo (Pierre Bourdieu) e dos filmes Pulp Fiction (1994), Jackie Brown (1997), À Prova de Morte (2007), Django Livre (2012) e Os Oito Odiados (2015) realizados nos Estados Unidos no período de 1994 a 2015, trabalharemos com a hipótese de que a filmografia de Quentin Tarantino busca trazer ao centro da discussão cinematográfica questões de cunho racial e alteridade.

Em sua fase inicial, a pesquisa irá observar o protagonismo de personagens negros nesses filmes em oposição a uma perspectiva predominantemente eurocêntrica. Tem-se como hipótese que Quentin Tarantino, em suas obras, ancora-se em um Melodrama Pop e fundamenta-se no pastiche e na intertextualidade como forma de enfrentar a problemática racial e para o desenvolvimento de narrativas que privilegiam a alteridade.

Referências

- BAPTISTA, Mauro. O Cinema de Quentin Tarantino. São Paulo. Papyrus, 2010.
- SIRK, Douglas. Douglas Sirk. Madri. Editorial Fundamentos, 1971. Publicação de uma série de entrevistas concedidas a Jon Halliday.
- SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros – Identidade, Povo e Mídia no Brasil. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1999.
- XAVIER, Ismail. O Olhar e a Cena – Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo. Cosac & Naify, 2003.
- ZANETTI, Daniela. Repetição, serialização, narrativa popular e melodrama. MATRIZES. Editada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Ano 2 – nº 2. p. 181-194. São Paulo, 2009.
- WOODS, Paul A. Woods. Quentin Tarantino. São Paulo. Leya, 2012.

Whatsapp como incentivo ao jornalismo participativo – Transformações no TN 1ª edição, da rotina produtiva ao relacionamento com o telespectador.

Elaine de Lima Castro Garau

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades

Rafael Paes Henriques

Orientador

Palavras-chave: Telejornalismo; WhatsApp; Rotinas produtivas; Tribuna Notícias ES

A pesquisa é uma reflexão sobre a utilização do aplicativo para envio de mensagens instantâneas WhatsApp no telejornalismo, especificamente na redação do Tribuna Notícias 1ª Edição, telejornal da

TV Tribuna, emissora afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão no Espírito Santo. Defende-se, após observação participante, realização de diário de campo e de entrevistas semiestruturadas, que o uso do aplicativo tem provocado transformações nas rotinas produtivas dos profissionais que participam da elaboração do telejornal e também na relação entre os jornalistas e os telespectadores. O resultado, porém, nem sempre é o que os envolvidos no processo gostariam.

A utilização do aplicativo, assim como acontece com outras tecnologias, transforma os processos comunicacionais e afeta diretamente a rotina nas redações, provocando renovação no modo de produzir, transmitir e receber informações, mas os avanços esbarram nas limitações impostas, em boa parte, pela falta de recursos, como quadro de pessoal extremamente enxuto onde há acúmulo de função e sobrecarga de trabalho, e falta de treinamento específico para lidar com as inovações.

No caso específico da utilização do WhatsApp na redação do Telejornal Tribuna Notícias 1ª edição, nota-se que a euforia inicial, provocada pela possibilidade de avanços, maior agilidade, e maior interação com o público, e o grande número de mensagens recebidas nos primeiros meses de utilização do aplicativo, tem dado lugar à frustração. De um lado, observamos telespectadores insatisfeitos, que recebem estímulo para que participem de maneira mais efetiva da produção do telejornal, respondem a este estímulo, mas, em sua grande maioria, não recebem o retorno esperado, nem se sentem representados ao acompanhar o resultado final, ou seja, o telejornal exibido. Do outro lado, estão profissionais sobrecarregados e desapontados, que tem nas mãos uma tecnologia que, acreditam, é capaz de trazer grandes benefícios ao newsmaking e ao produto final do processo jornalístico, mas estão cientes de que não é viável desenvolver o processo de maneira satisfatória com os recursos disponíveis.

A comunicação da Pastoral Operária dos anos 1980 e 2010: estratégias, cotejos e apontamentos

Elaine Dal Gobbo

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades

Palavras-chave: Comunicação popular, Pastoral Operária, Igreja Católica

A pesquisa “A Comunicação da Pastoral Operária dos anos 1980 e 2010: Estratégias, Cotejos e Apontamentos”, busca estudar a comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória nesses dois momentos distintos e como essa comunicação contribuiu com a mobilização da classe trabalhadora capixaba. A década de 80 é de efervescência das Comunidades Eclesiais de Base (Ceb’s), restabelecimento da democracia, reestruturação dos sindicatos e fortalecimentos dos movimentos sociais. Os anos 2010, de enfraquecimento das Ceb’s, avanço do pentecostalismo na Igreja Católica e um sindicalismo já estruturado. No primeiro momento, os anos 80, a pesquisa se dedica ao estudo do informativo Ferramenta, principal veículo de comunicação da pastoral. No segundo, no qual o Ferramenta já está extinto, procura estudar quais são as atuais formas de comunicação da pastoral.

De acordo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (2008, p. 33), as pastorais sociais tratam-se da solicitude para com aqueles cuja vida está ameaçada, tendo como missão organizar os excluídos. Muitas de suas lideranças surgiram nas

Ceb's, que, segundo Frei Betto (1985, p. 16), são comunidades organizadas em torno da paróquia ou capela, reunindo pessoas que pertencem a mesma Igreja, moram na mesma região, vivem problemas em comum e estão inseridas nas classes populares, como donas de casas, operários e outros trabalhadores do campo e da cidade.

Segundo Antônio de Pádua Gurgel (2005, p. 30), um dos principais responsáveis pelo fortalecimento das Ceb's e das pastorais sociais em solo capixaba foi o bispo Dom João Batista da Mota e Albuquerque. Uma de suas iniciativas foi o fomento da comunicação popular por meio da criação do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória (Cedives), que criava informativos, inclusive para as pastorais, e fazia versões populares de documentos da Igreja.

O estudo, que está em andamento, levanta questões como se o avanço da Igreja progressista foi um estímulo à comunicação popular na Arquidiocese de Vitória, se o contexto de supressão da democracia também contribuiu para impulsionar a comunicação popular nessa Arquidiocese, como o Ferramenta influenciou na mobilização dos trabalhadores, como era o processo de produção do Ferramenta, do levantamento das pautas até a distribuição; se o enfraquecimento das Ceb's, o contexto de avanço do neoliberalismo, o novo projeto de Igreja a partir de João Paulo II, o avanço do neopentecostalismo na Igreja Católica contribuíram para a falta de apoio à comunicação popular na instituição religiosa e, conseqüentemente, nas pastorais; e como é a comunicação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória hoje, os meios que utilizam e se são eficazes.

Referências:

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. A Missão da Pastoral Social. Brasília, Edições CNBB, 2008.

FREI BETTO. O que são as Comunidades Eclesiais de Base. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

GURGEL, Antônio de Pádua. Dom João Batista da Mota e Albuquerque. Vitória: Contexto Editora, Jornalismo e Assessoria Ltda, 2005.

Desterritorialização e reterritorialização: o cotidiano visto através da fotografia em três tempos

Elizabeth Nader Simões

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades

Palavras-chave: Fotografia. Memória. Documentação Visual. Cotidiano. Territorialidades.

O presente trabalho analisa a fotografia como construtora de documentos que eternizam momentos, testemunham cotidianos individuais e coletivos, alimentam e produzem memórias. Fundamenta-se no fotodocumentário sobre as 37 famílias da comunidade Monteiro/São Martinho, município de Anchieta, litoral sul do Estado do Espírito Santo que passaram por processos de mudanças territoriais motivadas pelo interesse da Vale S.A., em construir a Companhia Siderúrgica de Ubu. O primeiro momento, feito no período entre 2012 e 2014, registra a vida cotidiana dos moradores antes do processo de

desterritorialização do bairro de Monteiro. Considerado um território passado, ainda que se mantenha presente apenas na memória de quem viveu e nas fotografias.

O segundo momento feito a partir de 2016 com acompanhamento do processo de reterritorialização das famílias em novo conjunto residencial - construído pela mineradora Vale S/A, especialmente para eles, no bairro São Martinho - são observadas as relações espontâneas no novo espaço: o que mudou, o que permaneceu e o que deixou de existir nas atividades cotidianas dos moradores. Assim, busca-se construir uma análise pela ótica da fotografia/documentação visual a partir desses diferentes momentos, sobre ações práticas vividas nesse processo de desterritorialização / reterritorialização.

As imagens são aqui entendidas como ferramentas de compreensão sobre a complexidade de imbricações territoriais entre formalidades institucionais e criatividades cotidianas, possibilitando gerar em território futuro uma documentação visual de resistência ao esquecimento e ao silêncio que possibilitará gerar novos conhecimentos e diferentes percepções daqueles que não vivenciaram esse espaço.

O principal procedimento metodológico está em torno dos referenciais teóricos propostos. Entretanto, como se trata de aplicabilidade prática, é fundamental a análise documental das fotografias feitas nos momentos distintos que envolvem os processos de mudanças territoriais da comunidade. O caminho proposto para esta pesquisa tem início no capítulo intitulado “Questões territoriais e relações de poder” cujos principais referenciais são Milton Santos, David Harvey, Claude Raffestin e Sônia Missagia Mattos. O capítulo seguinte, intitulado “Fotografia e cotidiano: documentação e subjetividades”, Michel de Certeau, Agnes Heller, Le Goff, Philippe Dubois e Boris Kossoy., Michael Pollak são apresentados como referenciais para o estudo. O último capítulo, “Análise comparativa entre as práticas cotidianas pela ótica do documentário fotográfico sobre a comunidade de Monteiro/São Martinho”, é fundamentado nas metodologias de leitura do discurso fotográfico de Roland Barthes, Paulo César Boni e Juliet Hacking.

Tempo em Jogo: Diferentes percepções do tempo dentro das narrativas de jogos digitais.

Fabiano R. De Paula.

Professor Ceet Vasco Coutinho.

Os vídeo games como mídias narrativas interativas possuem um paradigma próprio de tempo, o qual entra em conflito com o tempo cotidiano do jogador/usuário. Este trabalho portanto busca explicitar as possibilidades de interpretação de tempo existentes dentro dos Jogos Digitais. Utilizando a semiótica e abordagem de interactor de Santaella como ferramenta analítica, realizaremos uma comparação entre cinema e jogos digitais. Abordando a repetição temporal dentro dos filmes “Feitiço do Tempo” e “No limite do amanhã”, com a dos jogos “Braid” e “Bioshock”. O resultado apresentado é uma divisão categoria do tempo dentro dos três sistemas existente no ato de jogar. Trabalhos futuros podem se aprofundar em uma pesquisa quantitativa sobre o tema abordado.

[re]existir ao presente

Gerson Bonfá Junior

(Mestrando no PPGPSI-UFES)

Palavras-chave: subjetividade, desejo, resistência, imanência, território

Acreditamos que os modos de existência do homem se fundam nas significações dominantes em uma época, de tal maneira que o sujeito emerge como forma-efeito de um contexto histórico-político, onde tem a subjetividade produzida por semiotização. As sociedades são fábricas equipadas com máquinas e tecnologias de assujeitamento, o que muda ao longo do tempo é o modo de operar e o maquinário que dispõem. Foucault nos mostrou que, no século XVIII, XIX e no início do século XX, as sociedades se compunham como sociedades disciplinares, sendo o confinamento a condição basilar para o assujeitamento do homem. Mas no século XXI sociedade disciplinar é o que já não somos, pois como Deleuze aponta, “entramos em sociedades de controle”, agora somos prisioneiros em campo aberto.

Nas sociedades de controle, com computadores, smartphones, internet, a facilidade de comunicação de modo geral, estamos enredados em múltiplos agenciamentos de desejo. O capitalismo vigora precisamente nessa relação tecnologia-sujeito, cuja principal conexão é o poder e o desejo. Para Deleuze e Guattari, o que é imprescindível para o pleno funcionamento do capitalismo não é o capital, como quer Marx, mas antes as subjetividades que desejam este sistema. A máquina capitalista é uma máquina semiótica que faz desterritorializar ao passo que oferece outros territórios; faz descodificar ao passo que oferece outros códigos; faz diferenciar ao passo que captura os fluxos desejantes. Não é à toa que Deleuze e Guattari advertem que “a linguagem é caso de política antes de ser caso de linguística”.

Uma vez que “damos às crianças linguagem, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários”, a pergunta que precisa ser colocada é: o que estamos anti-produzindo com isso? “A política coletiva”, responderia Lazzarato supondo que com o advento do capitalismo introduziu-se na sociedade uma lógica na qual os sujeitos tornam-se desiguais e individualistas. Um governo das desigualdades que consiste precisamente em fazer dos sujeitos capital humano e empresários de si, para que assim concorram e, com efeito, produzam mais.

A individualidade-e-concorrência contemporânea, em composição com o avanço da cibercultura, nos parece ser o que há de mais característico no nosso tempo. Mas o que podemos nós, nestes tempos de des-afeto e des-politização, para suscitar novos possíveis? Como resistir ao presente?

Acreditamos, aos modos de Spinoza e Nietzsche, que seja necessário cultivar a vida com critérios éticos-políticos que não levem em consideração quaisquer sistemas de juízo transcendente, metafísico ou moral, mas, ao contrário, critérios de intensidade e imanência que partem do reconhecimento de que não na conservação, mas na diferenciação a vida floresce. Como método de pesquisa traçaremos um plano de imanência que será habitado por um personagem conceitual que, frente ao problema de resistir ao presente, irá verbalizar uma nova imagem do pensamento.

O posicionamento do jornal a gazeta no processo titulatório das comunidades quilombolas no es

Girley Vieira da Silva

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (Ufes)

Patrícia Gomes Rufino Andrade

Orientadora -PPGMPE/ POSCOM-UFES

Palavras-chave: *territórios quilombolas; imprensa; discurso; poder.*

Desde o período da escravidão, conflitos de diferentes naturezas permeiam as relações sociais entre a população negra e os grupos ideologicamente brancos no Brasil e no Espírito Santo. Embates que consolidam identidades distintas e podem ser identificáveis, especialmente quando se observa as respectivas formas de relação com o território e as distintas práticas de territorialidade. A partir desse contexto, o trabalho investiga como se posicionam os dispositivos midiáticos comunicacionais nos processos decorrentes da disputa por territórios – polarizada entre comunidades quilombolas, empresas transnacionais e proprietários rurais. Tal investigação, utilizando-se como suporte teórico-metodológico os pressupostos conceituais de Michel Pêcheux e da escola francesa de Análise do Discurso (AD), pretende analisar os textos publicados em *A Gazeta* sobre o processo de titulação de territórios quilombolas e evienciar as relações sócio-históricas e culturais que estão inseridas nos enunciados analisados, seguindo um dos pressupostos básicas dessa escola de AD que é examinar a relação língua-ideologia-discurso. Tendo como *corpus* o acervo do referido jornal e com base, ainda, em conceitos de Pierre Bourdieu, a pesquisa busca: entender como as comunidades quilombolas estão inseridas no “campo” das minorias; identificar as hierarquias e as relações estabelecidas entre os agentes; mapear as interações dessa minoria com outros campos; compreender a dinâmicas de funcionamento do campo do jornalismo e a posição que o jornal estudado ocupa nesse espaço, tendo como premissa que a identificação dos fenômenos decorrentes da ação dos diferentes agentes em seus respectivos campos oferecerão elementos importantes à compreensão do discurso a ser estudado. Nesse sentido, o aprofundamento da presente proposta de estudo justifica-se à medida que se configura na possibilidade dos meios de comunicação atuarem ou se posicionarem favoravelmente a um dos “lados” na disputa pelos territórios por meio do reforço e da construção de representações sociais. Ao apresentar, por exemplo, o tema da titulação de territórios quilombolas como uma ameaça à propriedade privada ao invés de um direito constitucional que proverá direitos humanos aos remanescentes de quilombos, a imprensa pode incutir na sociedade um entendimento negativo dessa ação (política pública) de e do Estado, prejudicando as comunidades no acesso a esse benefício previsto em Lei.

Mudanças estruturais no jornalismo: o caso do espírito santo entre 1996 e 2016

João Claudio de Santana Guerra

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES

Victor Gentili

Orientador

Palavras-chave: Jornalismo; História do Jornalismo; História da Imprensa; Jornalismo Impresso; Espírito Santo.

A pesquisa desenvolvida tem como objetivo entender as dinâmicas adotadas pelo jornalismo impresso brasileiro, em particular no Espírito Santo, para tentar se adaptar às mudanças sociais, culturais e tecnológicas no período que vai da metade final da década de 1990 até o ano de 2016. Como caso exemplar dessas dinâmicas, estudamos o jornal A Gazeta, que, a partir de 1996, começou a passar por profundas e constantes mudanças editoriais e gráficas.

A principal justificativa que nos levou a iniciar esse estudo é a falta de bibliografia recente do jornalismo capixaba, sobretudo o impresso, e a pouca bibliografia que busque investigar o período anterior ao da nossa pesquisa, pois, na maioria desses trabalhos, é levado em consideração a narrativa desenvolvida pelas próprias empresas de comunicação, ficando de lado um aprofundamento maior no que diz respeito à sua trajetória.

Para isso, a pesquisa é desenvolvida metodologicamente em duas etapas, uma primeira, de caráter exploratório, que busca sintetizar a bibliografia da imprensa capixaba durante o século XX, e, uma segunda, que, através de entrevistas semiestruturadas, baseadas nas técnicas da História Oral, com os profissionais que vivenciaram mais de perto as mudanças editoriais colocadas em curso em A Gazeta, de 1996 a 2016, tenta buscar os vestígios que orientaram, orientam e orientarão o como fazer jornalismo impresso no Espírito Santo.

Para fins do nosso estudo, nos desperta a atenção o fato de o jornalismo e a imprensa, a partir da década de 1970, assumir certo protagonismo dentro da História, a partir do se convencionou a chamar de “Nova História”, que tem dentre os seus principais estudiosos os historiadores Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Ravel. Esse protagonismo não trata apenas de uma possibilidade de abordagem metodológica da História, mas de uma nova possibilidade de ver a História, enquanto ciência, sendo reconstruída e repensada. Uma das vertentes desse novo modo de ver a História é a “História Imediata”, que mistura o jornalista e o historiador, no que LACOUTURE (1990, p. 218), se apropriando da ideia de Albert Camus de que o jornalista é o “historiador do instante”, chama o jornalista/historiador de “imediatista”.

No que se refere ao jornalismo, entendemos a importância de entender o “campo jornalístico”. É necessário entender o seu papel e a importância no mundo contemporâneo. É preciso, ainda, entender como se deu e se dá a autoridade concedida ao jornalista para a construção do seu discurso de verdade e de construtor da realidade. O jornalismo, sobretudo a partir do final do século XIX, em todo o século XX e agora, já na metade final da segunda década do século XXI se apoia no discurso da verdade para existir. A questão aqui é “como se deu essa autoridade?”.

A rede que a cada ponto é amarrada: as territorialidades dos jongueiros e caxambuzeiros na tríplice fronteira

Larissa de Albuquerque Silva

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Amazonas, Brasil (PPGAS/UFAM). Bolsista CAPES. Colaboradora no Programa de Pesquisa e Extensão “Jongos e Caxambu: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo”, do Departamento de Ciências Sociais e de Teoria da Arte e Música, ambos da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil (ProExt/DCSO/DETAM/UFES). Colaboradora no Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, da Universidade Estadual do Amazonas, Brasil (PNCSA/UEA). E-mail: larissadealbuquerque@hotmail.com.

Palavras-chave: Jongo/Caxambu. Etnicidade. Patrimônio. Rede. Festas.

A presente comunicação tem como foco de análise a agência dos “jongueiros e caxambuzeiros”, categoria compartilhada pelos agentes sociais da pesquisa, membros de comunidades negras e quilombolas situados na junção entre os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (Brasil). Nessa tríplice fronteira entre os referidos estados, mais precisamente entre o Sul do Espírito Santo, Norte e Noroeste Fluminense e Sudeste de Minas Gerais, foi observado a constituição de uma ampla rede de festas devocionais ligadas às religiões de matrizes africanas e ao Jongo/Caxambu.

A partir desse contexto, interrogo-me aqui sobre a formação de um circuito festivo, na intenção de, neste momento, descrever as primeiras análises sobre a constituição de relações imersas em conjuntos significativos desses agentes étnicos na produção de territorialidades específicas. Tal região supracitada é narrada nas pesquisas historiográficas, como um importante sistema econômico e cultural no período escravista e, no pós-abolição, está marcado pela ocupação de famílias negras em pequenos lotes oriundos de compras e acordos com o sistema de plantation cafeeiro e sucroalcooleiro (MATTOS, 2013).

Mais recentemente, nota-se um movimento intenso de reivindicações culturais por direitos relacionados à garantia do patrimônio cultural e dos territórios tradicionais, especialmente quilombolas, o que transforma uma “região” em um território reivindicativo a partir da agência dos sujeitos políticos em busca de seus direitos étnico-raciais (BOURDIEU, 1989).

Observa-se que a autoidentificação como “jongueiros/caxambuzeiros” designa uma linguagem específica que se direciona para as formas organizativas características das localidades negras dessas regiões, sobretudo no agenciamento da memória coletiva e territorial, que indica uma procedência ligada às religiões de matrizes africanas. Tal acionamento mnemônico e político se distribui em vários espaços institucionais e comunitários e constitui uma bandeira de luta contra o preconceito e discriminação.

Em suma, a presente proposta tem seu vínculo na Antropologia Social, com a perspectiva dos estudos sobre Etnicidade e Patrimônio Cultural afro-brasileiro. Tais delimitações têm por objetivo descrever as primeiras análises realizadas a partir do ano de 2012 dos processos de constituição e organização social e política dos jongueiros/caxambuzeiros na região de fronteira supracitada, como um grande território negro e quilombola por meio das festas devocionais. Dessa maneira, vem debater sobre os processos organizativos dessa rede, ao passo que é constituído produções simbólicas e as territorialidades agenciadas por estes agentes em busca de seus direitos étnico-raciais.

Hegemonia carioca no Espírito Santo: a influência da mídia na maneira de o capixaba acompanhar futebol

Leandro Nossa Guanandy

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES

Victor Gentili

Orientador

Palavras-chave: futebol, mídia, Espírito Santo, territorialidades

O futebol é um grande elemento de cultura nacional e formador de identidades. Conforme destacado por Guedes (1998 apud SOUZA, 2008), é um elemento de grande valor e capaz de agregar multidões, das mais diversas classes sociais, unidas em um estádio ou em volta de um rádio ou televisão para torcerem pela vitória dos seus times. No Espírito Santo, 70% dos moradores não torcem para nenhum clube local, de modo que 83% declararam torcer para times cariocas (INSTITUTO FUTURA, 2013). Isso se reflete no conteúdo da mídia local, em especial a televisão.

A cobertura esportiva é voltada predominante para o desempenho dos times do Rio de Janeiro, com transmissões dos jogos e inclusive dos programas esportivos locais do nosso estado vizinho. É evidente que o fraco desempenho das grandes equipes locais, Desportiva Ferroviária e Rio Branco, nos últimos anos, ajuda a justificar o desinteresse da população. O Espírito Santo figura hoje na quarta divisão do futebol nacional. No entanto, também é clara a interferência direta dos veículos de comunicação no comportamento do povo capixaba nesta questão e a relação de poder que a mídia tem sobre esse tipo de escolha do cidadão.

O objetivo deste trabalho é avaliar os motivos que levaram a população do Espírito Santo a seguir a cultura de outros estados no futebol, em especial do Rio de Janeiro, e a participação da mídia na manutenção da hegemonia carioca entre os capixabas. Para tal, as análises serão feitas com base em teorias que reforçam os efeitos da comunicação de massa, em especial, o agendamento.

As ideias que dão sustentação às teses de agenda-setting, dos autores McCombs (1993) e Wolf (2002), serão utilizadas para buscar o entendimento de como a mídia pauta a agenda da população diariamente e, por consequência, as suas escolhas. Wolf (2002) destaca que a teoria de agendamento, inicialmente, pode ser aplicada ao campo da política. Mas a partir do momento em que toda a pauta do dia passa a ser imposta pelos veículos de comunicação, escolhas como o time para qual torcer também podem sofrer interferência.

Além disso, a aplicação dos conceitos de territorialidade em relação à ideia de pertencimento cultural ao Espírito Santo são também um viés deste estudo. A atuação dos veículos de mídia, em especial de rádio e televisão, nos últimos 20 anos no Estado serão analisadas. Há duas décadas, o Espírito Santo ainda tinha time figurando na segunda divisão do futebol nacional e próximo do acesso à elite. Serão entrevistados torcedores, atletas, dirigentes e demais atores desta história.

Referências:

INSTITUTO FUTURA. 86,8% da Grande Vitória não Acompanhou o Capixabão 2013 .

Disponível em: <<http://futuranet.ws/868-da-grande-vitoria-nao-acompanhou-o-capixabao-2013/>>.

Acesso em: 10 jun. 2013.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. The Evolution of Agenda-Setting: Twenty-Five Years of Marketplace of Ideas . *Journal of Communication*, vol. 43 (2), p. 58-68, 1993.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação* . Lisboa: Editora Presença, 2002.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil Entra em Campo: Construções e Reconstruções da Identidade Nacional*. São Paulo: Annablume, 2008.

“Shanté you stay”: mídia, corpo e subjetividade

Lucas Bragança da Fonseca

Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades Universidade Federal do Espírito Santo

Palavras-chave: mídia; drag queen; corpo; sexualidade; subjetividade.

Marginalizada até dentro da cultura gay, reflexo de uma heteronormatividade compulsória que afeta diretamente o ethos homossexual, cada vez mais excludentes de comportamentos que fogem das monolíticas concepções de masculinidade, a cultura drag se reavivou no final dos anos 2000 tendo como epicentro o lançamento do reality show RuPaul’s Drag Race. Homem e mulher, feminino e masculino, todo comportamento social dos indivíduos é construído e aprendido sobre uma base de dicotomias que nos diferenciam e nos disciplinam forçando o indivíduo a produzir seu corpo, sua identidade e subjetividade de forma inteligível para seu contexto social. Portanto, é somente através da presença de discursos dissidentes que se torna possível construir experiências singulares com o próprio corpo e a própria subjetividade.

Partindo de um apanhado histórico acerca da construção da drag queen como sujeito até a compreensão de questões contemporâneas, como as lutas por igualdade social e representatividade de minorias atravessados pelo universo midiático que os compõem e que incorporam questões estéticas e discursivas, o trabalho analisa a intencionalidade da abertura dos espaços midiáticos e mercadológicos para esses indivíduos, bem como os desdobramentos causados na subjetividade e no ideário de uma juventude brasileira através do consumo do programa RuPaul’s Drag Race.

Para tanto, o projeto abrange duas frentes. A primeira é a convergência bibliográfica multidisciplinar como forma de construir um pensamento epistemológico pouco discutido. O segundo é compreender se as conclusões bibliográficas encontram realidade empírica na ampliação das visões e subjetividades dos jovens espectadores do programa. Tendo encontrado esses indivíduos em comunidades de fãs online e, levando em consideração suas diferenças sexuais, etárias, econômicas e raciais, entrevistas semiestruturadas serão realizadas com intuito de perceber se, e como, um produto comercial midiático pode apresentar novas possibilidades de vivência, corporeidade e identidade.

Ainda em fase inicial, os estudos dão base a algumas hipóteses. Há, por exemplo, um interesse comercial na popularização das drags, facilmente observável na atual amplitude mercadológica sem precedentes. Tal fato se alinha a uma abertura midiática que auxilia a consolidação de tais objetivos e

que também cumpre um papel crucial na propagação dos discursos que fornecem outros modelos de construção de sexualidades, além dos binarismos de gênero, para os jovens. Percebe-se também, que esse escalonamento mercadológico e midiático acaba não restringindo o contato com essas corporalidades a uma juventude LGBT, mas a uma população heterogênea que passa a normalizar corporeidades e sexualidades dissidentes de forma menos intolerante.

Memórias do Rio Doce em Itapina

Bianca Pavan Piccoli

Aluna do mestrado do PGCS - UFES

Leonardo Nunes Aranha

Aluno do curso de Ciências Sociais - UFES

Maria Cristina Dadalto

Professora da UFES

Palavras chave: Itapina. Rio Doce. Memória.

A vila de Itapina, localizada na margem Sul do rio Doce no município de Colatina, sofre diretamente as transformações causadas pelo rompimento da barragem de rejeitos de Fundão (Samarco/VALE/BHP). O fato provocou profundo trauma nas relações dos moradores com rio, cujas atividades econômicas e de sociabilidade tiveram sua construção sociocultural e psíquica estabelecidas no lugar. Alia-se a este impacto psíquico, simbólico e emocional, todas as consequências ambientais que alteram o cotidiano e promovem percepções de insegurança ambiental, econômica, social e de saúde da população.

Esta pesquisa visa levantar as histórias e as memórias de moradores de Itapina e sua relação identitária com o rio Doce. Neste sentido, através de registros orais da vida de residentes em Itapina objetiva apreender a significação de práticas estabelecidas a partir de laços socioculturais ali estabelecidos. Busca, assim, compreender em que medida a memória das relações de sociabilidade com o rio está sendo afetada. Justifica-se a pesquisa pela importância de se refletir sobre a maneira como dado grupo compõe visões de mundo e a compartilha e ainda possibilitar a compreensão de como as representações estabelecem laços de continuidade.

O recorte se deve ao fato de que nesta comunidade o rio é um lugar vivido de forma intensa e diversificada. É o rio o nosso ponto de partida para buscar compreender as relações que os moradores de Itapina estabelecem com o lugar em que vivem, considerando-o tanto como palco de histórias e ações passadas quanto de histórias e ações presentes.

Nesta direção, o estudo da subjetividade, ou da relação do usuário com o meio em que vive, o meio ambiente, é uma tendência de pesquisas desenvolvidas no campo da percepção ambiental. Por isso estamos muito atentos ao debate teórico e metodológico promovido pela Nova Geografia. Com base nesta disciplina e tal como o faz Reigotta (2001), o meio ambiente é definido nesta pesquisa de modo amplo, incorporando tanto o sentido físico natural quanto o sociocultural – ou tanto a natureza,

quanto o ser humano. Iniciando com ele, tomamos o meio ambiente nessa pesquisa como um lugar determinado e/ou percebido, onde os aspectos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em constante interação.

“Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica, e processos históricos e políticos de transformação na sociedade”, assegura Reigotta (2001). Portanto, quando nos referimos ao meio ambiente está implícito o humano. Da mesma forma, quando nos referimos ao humano, está implícito o meio ambiente. A interação homem-meio ambiente é íntima e efetiva.

A cidade delas: arte urbana pelo direito das mulheres

Mariana Batista de Jesus

Bolsista pela CAPES no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades)

Aparecido José Cirillo

Orientação e: Professor Doutor

Gabriela Santos Alves.

Co-orientadora

Palavras-chave: feminismo, empoderamento, arte-urbana, violência contra a mulher

A discussão da temática da violência contra a mulher no Brasil vem ganhando cada vez mais espaço no debate público devido aos alarmantes números gerados por este tipo de violência. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) o Brasil está na 5ª posição, entre 83 países no mundo, no ranking de homicídio de mulheres. Segundo o “Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres no Brasil” de 2015 existe um perfil preferencial de mulheres vítimas de homicídio, trata-se de meninas e mulheres negras, entre 18 e 30 anos, que sofrem violência, sobretudo no ambiente domiciliar. Diante desta realidade, observa-se um recente movimento de mulheres artistas que, por meio da sua prática artística, buscam reivindicar visibilidade para esse assunto, através da arte urbana.

A pesquisa prévia sobre estudos que abordam a arte urbana enquanto ferramenta política e de comunicabilidade são poucos e foram realizados, em sua maioria, após a década de 2000, com desdobramentos principalmente baseados nos movimentos coletivos de reivindicações de caráter político ao redor do mundo. Tendo em vista o espaço urbano como campo para intervenções coletivas e debates sociais, entretanto um território hostil e violento para mulheres, o objetivo deste estudo é analisar a produção artística feminina da Grande Vitória de arte urbana, especialmente o grafitti e o picho, como ferramenta de ação política e empoderamento para combater a misoginia e violência contra a mulher, enquanto forma de comunicação alternativa aos dispositivos midiáticos tradicionais, e assim compreender o processo de resignificação da participação política e protagonismo da mulher e reterritorialização da cidade por meio da reivindicação e apropriação deste espaço pelas artistas.

Como metodologia desse estudo, as reflexões são baseadas na análise dialógica do discurso proposta pelo filósofo Mikhail Bakhtin, que postulou que a linguagem é o campo da inter-relação dos discursos e que a obra não deve ser analisada a partir de um sistema fechado, sendo essencial estudá-la

em sua totalidade (historicidade, singularidade, representação dos diferentes discursos que organizam a visão de mundo do autor, etc), propondo uma análise para além do aspecto formal e estético da obra de arte, em busca da multiplicidade de elementos do contexto histórico e social da produção, promovendo uma interpretação crítica do nosso tempo. Desta maneira, a arte urbana, com sua potência transgressiva e não institucionalizada, que utiliza o próprio espaço urbano como suporte para promover o diálogo, nos oferece um rico campo de imagens contemporâneas para promover esta reflexão. Desta forma, o resultado esperado deste processo é de apreender e destrinchar a utilização da linguagem visual como ação contestatória, onde mulheres, enquanto atores sociais historicamente invisibilizados, se comunicam com a cidade e encontram meios alternativos de participação política e social. Este trabalho se vincula ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, com apoio da CAPES.

A análise do discurso político no impeachment de Dilma

Milena Mangabeira da Silva

Mestranda no programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo

Ruth Reis

Orientadora

Palavras-chave: discurso político; análise do discurso; impeachment; redes sociais.

A apropriação das redes digitais para o exercício da política tem se ampliado entre os agentes políticos que almejam alcançar uma parte da sociedade, que se torna cada vez mais participativa devido à ampliação do acesso à comunicação com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Tendo em vista o fato de que as redes sociais são também espaços cada vez mais privilegiados para construção e circulação de discursos e narrativas que compõem a cena da disputa política, nos ateremos à produção discursiva dos senadores brasileiros sobre o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) no ano de 2016, tendo como base de dados um conjunto de publicações coletadas entre os dias 17 de abril e 31 de agosto de 2016 nas páginas no Facebook mantidas por esses parlamentares. A questão central é compreender como os agentes políticos se apropriam dos instrumentos oferecidos pelas redes sociais para se constituírem como personagens ativos nas disputas discursivas e narrativas no cenário político brasileiro, tendo como territórios de investigação as plataformas digitais e como territorialidade a interação social no ambiente digital.

O método de análise do discurso que adotamos baseia-se nos fundamentos trazidos por autores como Patrick Charaudeau (2005; 2006; 2015; 2016) e Eni Orlandi (2005) que propõem ser a constituição sócio-histórica e ideológica do indivíduo essenciais para condições de produção do discurso e, conseqüentemente, os atos do discurso ficam influenciados pelo contexto ao qual o sujeito está inserido. Também é considerado o papel desempenhado pelos sujeitos ao produzir discursos e, portanto, atualizar as determinantes sociais e ideológicas. Serão abordados ainda os sentimentos e emoções como componentes da prática do discurso político e um meio de promover sedução e persuasão. Para compreender o funcionamento discursivo, do ponto de vista de Orlandi, é necessário distinguir o plano da constitui-

ção (interdiscurso) do plano da formulação (intradiscurso), pois estes se dão entre o pré-determinado e a ação dos sujeitos. Portanto, pretendemos realizar um estudo baseado nas publicações no Facebook, tendo esta rede social como território de experiências, utilizando como objeto postagens de senadores que votaram à favor do impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016.

Circuitos musicais: teia de conceitos e possibilidades de pesquisa

Mónica Vermes

Professora do programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, mvermes@gmail.com

Palavras-chave: comunicação; música; cidade

Nesta comunicação serão discutidos conceitos-chave para a exploração de possibilidades de investigação da música na cidade pela cartografia dos circuitos musicais. Os conceitos mais relevantes para a proposta são a própria ideia de “circuito musical” (a partir de Brunner e Finnegan), “teia cultural” (web of culture, de Gary Tomlinson), “cena musical” (music scene, de Will Straw) e “mundos das artes” (art worlds, de Howard S. Becker). Circuitos musicais são entendidos aqui como configurações maleáveis que não se atêm a um determinado espaço ou a um determinado tipo de música, ainda que estes integrem a composição dos circuitos.

O circuito é delineado a partir de vários elementos: o grupo organizador, os artistas profissionais/amadores participantes, o estilo de música em questão, a forma de organização dessa música em blocos (programas, sets), um projeto musical/cultural/político mais ou menos explícito que conduz a atividade. A análise e reflexão sobre a complexa rede que se constitui pela superposição de circuitos (que remetem a diferentes projetos musicais, culturais e políticos) enseja uma discussão relevante para a compreensão da construção histórica de categorias artísticas verticalizadas, a projeção de um imaginário de prestígio em determinadas práticas e repertórios musicais, muitas vezes em desacordo com o efetivo usufruto dessas experiências, mas que se reflete em políticas públicas de apoio às artes, formação de gosto e consumo de arte. Estudá-los é uma maneira também de estudar a complexidade da composição cultural de uma cidade, a circularidade de repertórios e práticas, os mecanismos de hibridação, os processos de formação de gosto e de atribuição de valores aos repertórios e práticas e pode contribuir com uma perspectiva mais rica para entender os vários projetos culturais de cunho civilizatório que têm se sucedido no Brasil desde o século XIX.

O real inobservável e a transposição do discurso da ciência para a televisão em documentários científicos

Mykon Rosa Figueiredo

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES)

Alexandre Curtiss Alvarenga

Orientador

Palavras-chave: documentário científico, documentário para televisão, divulgação científica, televisão

Este projeto tem o objetivo de analisar programas de televisão dentro do gênero documentário científico que abordam conceitos da Física Moderna, tratando-os em uma linguagem mais simples e acessível para transmiti-los a uma audiência leiga. A finalidade da pesquisa é entender como a visão científica do funcionamento da realidade física em escalas que não são possíveis de serem experienciadas pelos sentidos humanos é trabalhada nos programas com a utilização dos recursos da linguagem audiovisual. O objeto deste projeto é a transposição do discurso especialista da Ciência para o discurso generalista da televisão acerca das teorias, resultando em um ‘efeito de real’ na representação de uma realidade inobservável.

A presente pesquisa se justifica pela importância que o discurso da Ciência adquiriu na contemporaneidade e pelas múltiplas possibilidades da televisão que, apesar de sempre ter destinado ao menos um pequeno espaço para informações científicas, já foi muito criticada pela superficialidade com que trata temas e fatos em geral. Os programas de televisão escolhidos para este estudo utilizam recursos audiovisuais para facilitar a compreensão da Teoria da Relatividade e da Mecânica Quântica, as duas principais teorias amplamente aceitas pela comunidade científica atual, além de interpretações filosóficas surgidas de modelos físico-teóricos que ainda buscam evidências para sua aceitação definitiva.

O referencial teórico a ser utilizado para esta pesquisa compreende autores que analisam e discutem questões sobre o papel da televisão na sociedade contemporânea, a produção audiovisual, filosofia da ciência e divulgação científica. Para proporcionar uma visão geral, este estudo se caracteriza como pesquisa qualitativa e exploratória, que visa a compreender a que base ideológica e filosófica os conteúdos estão vinculados.

Dentro dos procedimentos metodológicos, a sociossemiótica aparece como possibilidade de compreender o conjunto de discursos e práticas que intervêm na transformação das condições de interação entre sujeitos. Uma sociossemiótica pluridisciplinar, a partir da interseção de diferentes ciências e metodologias em um objeto de análise comum, dará condições de compreender as conotações sociais em dimensões como a concepção de ordem discursiva e o estabelecimento do estatuto veridictório dos discursos. A análise permitirá conhecer as marcas do processo comunicativo (do suporte, do canal ou do meio) e também apresentadas no contexto na mensagem, que deixa os traços em signos verbais, visuais e sonoros, remetendo aos contextos históricos, culturais, ideológicos, políticos.

Marcas narrativas da cultura do estupro – Uma análise da misoginia contra Dilma Rousseff no ciberterritório

Pâmela Rocha Vieira

Aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo

Gabriela Santos Alves

Orientadora

Palavras-chave: cultura do estupro; violência simbólica; ciberterritório; rede sociais digitais; conversação

Resumo: Esta pesquisa propõe uma investigação acerca de marcas narrativas da cultura do estupro em casos de misoginia contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, no período que compreende o início de seu segundo mandato até a concretização de seu processo de impeachment – ocasião em que os ataques se intensificaram, especialmente em publicações na internet.

O conceito de cultura do estupro surgiu em meados da década de 70 e foi devidamente sistematizado na obra *Against our will: men and women rape*, de Susan Brownmiller (1975). No entendimento de Brownmiller, o estupro transcende os aspectos materiais e manifesta uma relação de poder na qual todos os homens têm a capacidade de imprimir medo em todas as mulheres (Brownmiller, 1975). Desse modo, a violência sexual seria a culminância de agressões simbólicas que a mulher sofre continuamente na sociedade – por isso, o termo cultura do estupro. Para melhor compreensão dos modos como se exerce a violência simbólica, tomamos os conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu, especialmente na obra *Dominação Masculina* (2002).

A violência simbólica é aquela que se exerce por vias puramente simbólicas, da Comunicação e do conhecimento (Bourdieu, 2002). Esse tipo de violência se exerce como uma força de manutenção do poder hegemônico, legitimando as relações assimétricas e preconceituosas de diversos tipos – no caso deste estudo, especificamente, tratamos da relação de gênero e lugar da mulher. Na percepção de Bourdieu, a dominação masculina já foi tomada como natural, de modo que é encara pela sociedade com um olhar fatalista e imutável. Essa relação fica bastante visível em discursos preconceituosos que atacam as mulheres que ousam ocupar espaços de poder – como foi o caso de Dilma Rousseff, primeira mulher a alcançar a presidência do país.

Em minha pesquisa dissertativa, toda essa reflexão é feita nos parâmetros do ciberterritório. De acordo com Lévy (1999), o território do ciberespaço é formado pela interconexão dos computadores ligados em rede, com capacidade de fluidez e fluxos de informações constantes. Nesse sentido, propomos o exame das ciberterritorialidades, que de acordo com Martinuzzo (2016), diz respeito às relações de afeto estabelecidas por meio das conexões viabilizadas pela comunicação digital. Para a análise das marcas narrativas características da cultura do estupro em ofensas contra Dilma Rousseff, investigamos a conversação motivada por publicações sobre o governo Dilma e a condução de seu processo de impeachment, até o dia de sua arguição no senado federal.

Escolhemos compreender o cenário por meio das conversações em redes sociais digitais graças ao exposto por Recuero (2009), que reconhece a interação em rede como a matéria-prima das relações e dos laços sociais e, por sua vez, a conversação como a ação de um ator social que depende da percep-

ção daquilo que o outro está dizendo. Desse modo, serão analisados os comentários de duas publicações no Facebook, de acordo com uma categorização pertinente ao estudo.

Narrativas: dimensões simbólicas da memória do jongo em territórios negros

Dr^a Patrícia Gomes Rufino Andrade

Professora Adjunta do Departamento de Educação, Política e Sociedade da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab/Ufes). Orientadora no PPGMP/UFES, colaboradora do PÓS-COM-UFES.

Palavras-chave: Jongo. Educação. Negritude.

Pesquisas sobre as práticas culturais de/em comunidades afro-brasileiras têm contribuído efetivamente para o exercício de reconhecimento das diferenças, principalmente se consideramos nossa sociedade multiétnica e multicultural. Neste texto dialogamos com Hall (2008), Certeau (2005), Barth (2000) entre outros, sobre os processos de produção de experiências étnicas tomando como especificidade as narrativas sobre as práticas culturais do ritmo afro-brasileiro do jongo. Esta pesquisa foi realizada em uma escola municipal na Comunidade de Santana - região do “Sapê do Norte”- município de Conceição da Barra – ES. Acreditamos que as pesquisas que tomam como sujeitos as comunidades tradicionais, devam trazer em seu bojo as falas, desses sujeitos, suas questões, seus desejos e movimentos. Dessa forma este estudo visa relacionar práticas do jongo como elementos importantes para a reconstrução da história do negro no sudeste brasileiro considerando a produção simbólica de territórios culturais em que as interpretações sociais permitam construir processos identitários auto afirmativos.

A representação do cotidiano nos documentários capixabas rodados no Revelando os Brasis

Patrik Camporez Mação

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo

Palavras-chave: Cotidiano, Documentário, Revelando os Brasis.

Este trabalho pretende analisar como o cotidiano das cidades do interior do Espírito Santo aparece nos filmes capixabas rodados pelo Revelando os Brasis, programa de inclusão audiovisual que possibilita a realização de filmes curta metragens em

idades do país com menos de 20 mil habitantes. Após trazer o que tem se trabalhado hoje nos estudos do cotidiano, trabalharemos a representação do cotidiano no cinema para, em seguida, observar as peculiaridades desse cotidiano representadas nos filmes realizados no interior - tendo como estudo de caso o Revelando os Brasis. Quando Charlie Chaplin, em “Tempos Modernos” – nos Estados Unidos, na década de 1936 – denuncia o espaço opressor e cruel da fábrica, onde o homem mais parece uma máquina do que um ser humano, vemos ser erguido um cinema pelo qual o cotidiano eclode, exacerba-se.

Nos primórdios do cinema, ainda no fim do século XIX, os filmes dos Lumière pareciam registrar o cotidiano conforme ele acontecia. Daí nasce a clássica afirmação de que o cinema nasceu documentário. Filmados sem adornos nem rearranjo de montagem, revelavam tremeluzente mistério dos acontecimentos. “Parecem reproduzir o acontecimento e preservar o mistério. Um quê de humildade fica no ar. O cinema é um instrumento de poder extraordinário; não necessita de exagero ou espetáculo para conquistar nossa admiração (NICHOLS, 2005, p. 118)”. Estudioso sobre documentário, Nichols (2005), no entanto, cita exemplos onde a ficção também abre espaço para o cotidiano. Um deles é “A Estrela do Mar” (1928), de Man Ray, que se trata de uma série surrealista de cenas que giram em torno dos acontecimentos do cotidiano de uma parisiense. Neste ponto é válido ressaltar o conceito de documentário, para então entrarmos na discussão central deste artigo. Em “Introdução ao documentário” de Bill Nichols (2005) há normas e convenções que entram em ação, no caso dos documentários, para ajudar a distingui-los. Uma convenção é a predominância de uma lógica informativa, que organiza o filme no que diz respeito às representações que ele faz do mundo histórico. Uma forma típica de organização é a da solução de problemas, que, salvo raras exceções, são resolvidos dentro da estrutura cotidiana.

De uma forma mais geral, podemos dizer que Nichols entende as relações do cotidiano como elementos intrínsecos ao fazer documentário. Mas poderíamos supor que, nos documentários realizados nas cidades do interior, essas operações do cotidiano tendem a ganhar um tratamento diferenciado? É com esse questionamento que introduzimos nosso objeto: o programa de popularização e democratização audiovisual Revelando os Brasis. Lançado no ano de 2004, durante o governo Lula e a gestão do Ministério da Cultura de Gilberto Gil, o Revelando possibilita a realização de filmes curtas-metragens em cidades com menos de 20 mil habitantes. No Espírito Santo, o projeto possibilitou a realização de 12 filmes, dos quais 10 deles são do gênero documentário. Nossa intenção, com este trabalho, é analisar como as práticas cotidianas do interior são representadas no vídeo. Ou seja, como o interior capixaba é apresentado na tela? Para isso, como procedimento metodológico, analisaremos apenas os filmes documentários, que no imaginário popular – algo que os estudiosos da comunicação já não acreditam – tem a capacidade de retratar o real. Vários autores já trataram e tratam da temática do cotidiano, mas nos ateremos ao cinema do interior, mais especificamente aos filmes rodados em comunidades específicas das regiões rurais do Espírito Santo.

Referências bibliográficas

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. In: BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CRARY, Jonathan. 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Metáforas da vida cotidiana. São Paulo: Educ, 2002.
- HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus Editora, 2005.

Entre a ciência e a mídia, um olhar sobre a (re) significação do conceito de agroecologia

Raquel Lucena Paiva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), da Universidade Federal do Espírito Santo

Elaine de Azevedo

PhD, professora do PPGCS e orientadora da presente pesquisa.

Palavras-chave: Agroecologia; Comunicação Ambiental; Sociologia Ambiental.

As disputas relativas à ocupação do território agrícola ocorrem em diversas arenas, entre elas, as disputas discursivas observadas na mídia. A Análise Crítica do Discurso percebe a atividade discursiva, como um modo de ação sobre o mundo e sobre os outros e os discursos ambientais se fundamentam em percepções, valores e crenças relacionados à natureza, que servem para legitimar interesses e modos de apropriação do ambiente natural. A relação entre o discurso e a realidade social deve ser analisada de forma dialética, visto que o discurso é moldado e restringido pelas estruturas sociais que, por sua vez, são construídas pelo discurso.

A construção do conhecimento agroecológico vem se delineando por meio de debates entre diferentes campos científicos e sociais, cada um dos quais conferindo justificação e legitimidade aos significados agenciados. Fora dos círculos diretamente envolvidos com a definição deste conceito, porém, os significados dependerão ainda mais das representações a que se tem acesso, muitas vezes mediadas pela imprensa. Este é o ponto de partida desta pesquisa de mestrado*, que inclui análise do discurso, agendamento, agentes e abordagens presentes nas notícias relacionadas à Agroecologia.

Para compor a pesquisa empírica, estão sendo analisados oito sites jornalísticos da Região Sudeste, sendo os quatro de maior audiência em cada estado e quatro com uma linha editorial contra-hegemônica e que pautam com frequência a temática agroecológica. Os textos, publicados entre janeiro e dezembro de 2016, foram selecionados pela presença da palavra Agroecologia. Em meio a um quadro de invisibilidade, onde tanto a imprensa empresarial como a “alternativa” dedica pouco espaço ao tema Agroecologia, percebe-se, na ‘grande mídia’, que a abordagem dos temas agroecológicos é dissociada das dimensões políticas e sociais valorizadas pelos agentes da Agroecologia. O jornalismo contrahegemonico analisado evidencia estas dimensões e dá voz aos movimentos sociais, que estão ausentes nas matérias produzidas pelo jornalismo empresarial. Os riscos relacionados aos agrotóxicos são expostos e denunciados pela mídia contrahegemonica, mas não são citados nas matérias da grande mídia, analisadas nesta pesquisa. Em ambos os perfis jornalísticos, percebe-se que os fatores econômicos são mais evidenciados que os ambientais, sendo que o jornalismo ‘alternativo’ aborda também a dimensão social das questões econômicas.

*Este resumo é parte dos resultados produzidos para pesquisa de mestrado, realizada com apoio da Fapes (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo).

Febre amarela: uma análise da abordagem da comunicação pública na mídia impressa durante epidemia no espírito santo

Renata Fernandes Rocha Marcelino

Aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo

Victor Gentili

Orientador

Aline Guio Cavaca

Co-orientadora

Palavras-chave: Comunicação Pública, Febre Amarela, Jornais impressos.

Comunicação e Saúde é um campo que é constituído a partir de elementos de cada campo separadamente, porém na sua interface. Não é uma perspectiva que vê a comunicação como um conjunto de instrumentos a serviço dos objetivos da saúde. Falar em comunicação e saúde aponta para uma distinção e uma opção teórica e política. (Araújo & Cardoso, 2007)

Neste estudo, utilizaremos como referencial teórico a definição de campo atribuída por Pierre Bourdieu (1997b). Segundo o autor, campo é um espaço de posições que define algumas importantes condições de produção dos sentidos sociais.

Os limites dos campos são indefinidos e porosos, porque são demarcados pelos efeitos que produzem em conjunturas específicas, são portanto, contextuais. O lugar de onde se fala pode definir a abordagem privilegiada e circunscrever os objetos, as metodologias e práticas. (Araújo & Cardoso, 2007)

Quando se fala do lugar da comunicação, a abordagem tende a ser a da saúde como conteúdo ou objeto que permitiria avançar na compreensão dos dispositivos de comunicação da sociedade midiáticos ou não. (Araújo & Cardoso, 2007).

No complexo campo de estudos do mass media o jornalismo emerge como área estratégica para a configuração mediada do espaço público, representando uma cultura de forte intervenção no cotidiano das populações ocidentais, por sua vez ancorada em uma relação social “densa e demarcada, um modo específico de buscar e narrar a informação, um tipo de saber, uma práxis, que inclui a construção da personalidade pública do jornalismo e um ethos jornalístico”. (KUCINSKI, apud Malinverni, 2011, P. 13)

Este estudo foi escrito com o objetivo de apresentar aporte teórico e metodológico para a construção de uma análise sobre como a comunicação pública sobre febre amarela foi abordada pela mídia no Espírito Santo, na epidemia de 2017.

Para tanto, como objetivos específicos, busca-se identificar os releases sobre febre amarela produzidos pela Comunicação Pública da Secretaria de Estado da Saúde no Espírito Santo, no período estudado; identificar e classificar o noticiário sobre febre amarela publicado nos jornais A Gazeta e A Tribuna no período pesquisado e verificar se o conteúdo produzido pela comunicação pública institu-

cional foi utilizado pelos Periódicos.

A pesquisa é de ordem exploratória documental, com abordagem quantitativa e qualitativa.

O estudo será desenvolvido no estado do Espírito Santo. Apesar de no período analisado a febre amarela ter atingido outros estados da federação, a escolha se deve ao fato dos pesquisadores envolvidos atuarem profissionalmente e academicamente nesta localidade. Além disso, é também uma forma de gerar e valorizar conhecimento científico regional no cenário nacional.

Além disso, o Espírito Santo passou por uma crise de segurança pública no período da pesquisa, a qual será analisada contextualmente à epidemia de FA.

Nesta pesquisa, abordaremos a comunicação pública da Secretaria de Saúde do Governo do Espírito Santo, durante o surto de febre amarela nos meses de janeiro a março de 2017. Serão analisados os releases enviados à imprensa e o material publicado nos jornais impressos A Gazeta e A Tribuna no período mencionado.

#NaoFoiAcidente: disputas narrativas entre a mídia e os usuários do Twitter sobre o desastre da Samarco no Rio Doce

Ricardo Aiolfi Barone

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pesquisador do Laboratório de Estudos em Imagem e Cibercultura (Labic).

Fábio Gomes Goveia

Orientador

Palavras-chave: desastre, big data, controvérsias

No dia 5 de novembro de 2015, o rompimento de duas barragens (Fundão e Santarém), da empresa Samarco, no município de Mariana (MG), tomou as páginas dos jornais. A estimativa é que entre cinquenta e sessenta milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério tenham sido lançados sobre o distrito de Bento Rodrigues, no mesmo município. No dia seguinte, a tragédia foi anunciada para a Bacia Hidrográfica do Rio Doce e, conseqüentemente, chegaria ao Espírito Santo.

Com as hashtags #SOSRioDoce e #NaoFoiAcidente, usuários, se utilizaram das redes sociais, para cobrar punição aos responsáveis pela tragédia, a reparação dos danos ambientais causados, além de auxílio para os atingidos e afetados pelo desastre.

Numa história marcada de contradições, informações desencontradas e danos socioambientais difíceis de reparação, esta pesquisa visa analisar as disputas narrativas no caso da lama da Samarco entre a mídia (que trazia as versões oficiais da empresa e dos governos estaduais) e os usuários do Twitter, a partir da cartografia das controvérsias. Esta pesquisa faz-se relevante a partir da discussão dos impactos das indústrias no meio ambiente, nas relações econômicas e políticas mantidas com o Estado e com a mídia, além da mobilização social em novas ferramentas para a disputa da opinião pública.

Para a realização desta pesquisa, utilizei os dados coletados no Twitter pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) entre os dias 5 e 27 de novembro de 2015, isto é, do momento da tragédia até cinco dias após a chegada da lama ao mar. Foram coletados os termos #NaoFoiAcidente, #SOSRioDoce, #Samarco e #Vale. Tanto a coleta, quanto o processamento dos dados são feitos pelo script Ford, desenvolvido pelo Labic.

Utilizando a Cartografia das Controvérsias e o método perspectivista, o intuito é compreender como diferentes atores se articularam para disputar a opinião pública no desastre da Samarco no Rio Doce, consagrando a Samarco não como vítima do rompimento da barragem, mas como uma das partes culpadas do processo.

“Colaboração e apropriação mercadológica em financiamentos coletivos”

Sidney Spacini Pereira

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Gabriel Menotti

Orientador

Palavras-chave: Crowdfunding, Colaboração, Consumo

A dissertação “Colaboração e apropriação mercadológica em financiamentos coletivos”, de minha autoria, tem como finalidade entender de forma mais minuciosa a relevância social dos processos de colaboração em financiamentos coletivos - os crowdfunding¹, no termo original em inglês - partindo da concepção de que estes processos estão intrinsecamente ligados ao contexto histórico em que se desenvolvem as colaborações.

Dentre os questionamentos possíveis sobre os financiamentos coletivos, me concentrarei em desenvolver uma argumentação acerca do que caracteriza uma colaboração, um crowdfunding, e traçar as semelhanças e diferenças desses dois fenômenos. O intuito é contribuir para o entendimento atual dos mecanismos de interação de indivíduos online e no que isso influencia a concepção de colaboração ou processo colaborativo. Para tanto, proponho as seguintes discussões.

Na primeira parte do trabalho o foco do estudo será a colaboração, entendida como a mecânica da qual todos esses atores fazem parte. Partindo de referências da sociologia e antropologia social começarei o capítulo fazendo um apanhado acerca das condições para a existência de colaborações no meio social, relacionando as formas de financiamento coletivo com as lógicas que guiam a colaboração. A etapa seguinte trará em um primeiro momento o estudo de formas de colaboração online possíveis, a saber: o modelo de comunidade de colaboradores da Wikipedia, dos fansubs e dos fóruns de impressão 3D.

A seguir, analiso modelos de crowdfunding disponíveis explorando a mecânica e a diversidade da suposta “colaboração” que se desenha discursivamente neles. Por fim, irei desenvolver uma análise detalhada dos processos de financiamento coletivo dos quais eu tive uma participação ou contato pré-

vio, buscando mapear os atores que desenvolveram os projetos e os desdobramentos de tais projetos na construção ou não de comunidades e narrativas compartilhadas:

- O financiamento da Libre: Casa Coletiva , um centro cultural autônomo na cidade de Vitória, realizado via site Benfeitoria em 2015;

- Os idealizadores da reportagem “Acuados:”, realizada por meio de um financiamento coletivo da “Agência Pública de Jornalismo Investigativo²” realizado em 2016;

- O financiamento elaborado por Amanda Brommonschenkel e Isabela Bimbatto, ativistas culturais e dos direitos da mulher, para viabilizar suas participações no FEMINEM³, realizado via site “Vakinha” realizado em 2015.

Investigo dessa forma até que ponto os sujeitos envolvidos nos processos de financiamento configuram colaboradores e até que ponto essa colaboração é possível, relacionando as lógicas de consumo implicadas nos processos e os fatores que compõem o ato de colaborar. Por fim, proponho com este trabalho uma leitura possível acerca dos processos de formação de comunidades e relações de poder implicadas nas ditas colaborações mediadas pela rede.

¹ O termo crowdfunding deriva de um conceito mais amplo acerca de construções colaborativas - o crowdsourcing . Essa concepção foi inaugurada pelo economista Jeff Hower, em seu artigo “The Rising of Crowdsourcing ”, publicado na revista Wired em junho de 2006. Nele Hower discute a forma como “amadores” estavam fazendo grandes contribuições para companhias via colaborações online. O autor argumenta sobre a forma como pessoas, em geral não-especialistas, fornecem mão-de-obra para indústrias criativas, tecnológicas e de informação a baixos custos, comparando essa prática ao outsourcing e por vezes até mais eficiente. (ver: HOWE, 2006)

² Site de notícias brasileiro, pode ser acessado no endereço (<http://apublica.org>)

³ A terceira edição do Festival Internacional de Grafite e Arte Urbana Feminina (FEMINEM) aconteceu em 2014 em Ciudad Juarez, no México.

Estratégias de resistência nas autobiografias de Lúcia Murat

Ursula Dart Bottrel do Nascimento

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Gabriela Santos Alves

Orientadora

Este trabalho de pesquisa intenta refletir acerca dos recursos da linguagem audiovisual utilizados na constituição de si em documentários autobiográficos de cineastas e diretoras brasileiras. Neste modo de representação, estas mulheres constituem seus espaços, seus territórios, suas subjetividades através de alguns dos recursos desta linguagem, como a utilização de off em primeira pessoa ou uma atriz que a interprete, o encarar diretamente a câmera. Michael Renov questiona “como a subjetividade consegue ser expressada em filme?” (RENOV, 2005). Tal questionamento embasa e motiva este trabalho de pesquisa. Diante de tantos recursos audiovisuais, quais estão sendo utilizados para estas mulheres se constituírem como sujeito ao falarem de si, ao relatarem suas histórias em suas obras? A pesquisa parte

de dois documentários brasileiros: *Que bom te ver viva* (1989) e *Numa longa viagem* (2012), ambos de Lúcia Murat, onde a mistura entre o privado e o mundo histórico, entre a subjetividade e os fatos apontados pela história, está claramente disposta.

Nascida no Rio de Janeiro, em 1948, Murat participou ativamente do movimento estudantil da década de 1960, participou do Movimento MR8, foi presa e torturada. Lúcia desabafa, no ano de lançamento de *Que bom te ver viva*: “O filme parte das minhas crises. Mistura a realidade com o delírio. Foi minha forma de lutar contra minha angústia, de surpreender e de compreender essa história, de lutar contra a loucura. Porque o caminho para a loucura entre as vítimas da tortura passa por essa não admisão de entrar na discussão do que aconteceu”. (PEREIRA, 1989).

Não estaria Lucia Murat, fazendo de seus filmes terrenos de resistência ao constituir e exercer sua subjetividade? Não estaria Murat em consonância com Michel Renov ao citar Michel Foucault quando este interroga “Quem somos?” ao analisar que em nossos dias diante de pressões ideológicas maciças, a luta atual não seria a não sujeição? (RENOV, 2005).

O principal objetivo deste projeto de pesquisa é extrair deste corpus procedimentos de realização que em conjunto possam contribuir com a reflexão acerca do uso da biografia nas obras audiovisuais e de que maneira elas embasam os documentários performáticos contemporâneos brasileiros. Desde 1984, Lúcia já realizou cerca de quinze filmes entre ficções e documentários sendo a maioria deles de longa metragem. Trabalhos que lhe valeram reconhecimento internacional como os longas *Quase dois irmãos* (2003), *Uma longa viagem* (2012).

Além disso, Lúcia é uma das poucas realizadoras brasileiras atuantes com mais de 30 anos de carreira. Fiz recentemente um levantamento dos filmes premiados nas últimas 17 edições (para considerar apenas aquelas acontecidas neste século) do Festival *É Tudo Verdade*, festival internacional de documentários que está em sua 22a. edição e que é considerado como o principal festival do gênero da América Latina, fica evidente a não proporção entre os números de obras dirigidas por homens e por mulheres. Isto reforça a importância de se pesquisar o corpus aqui exposto e ainda de se buscar títulos de outras diretoras e cineastas brasileiras que dialoguem com os filmes que embasam este projeto de pesquisa, filmes cujas estratégias audiovisuais utilizadas irão evidenciar as utilizadas por Lúcia em seu ato de resistir e que vão juntos apontar para outras possibilidades de existência.

Referências:

PEREIRA, E. O filme-impacto do festival. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 jun. 1989.

RENOV, Michael. Investigando o Sujeito: uma Introdução. In: MOURÃO, M. D. e LABAKI, A. *O Cinema do Real*. São Paulo. Ed. Cosac Naify, 2005

O jornalismo como palco de disputas discursivas: o movimento feminista no jornal *A Gazeta do Espírito Santo* (1986 e 2016)

Viviane Ramos Machado.

Aluna do Mestrado em Comunicação e Territorialidades

Ruth Reis

Orientadora

Palavras-chave: jornalismo, feminismo, jornal A Gazeta, discurso e poder.

Este trabalho tem o objetivo de entender como os discursos feministas são construídos no território discursivo do jornalismo, em especial do Jornal A Gazeta do Espírito Santo, nos anos de 1986 e 2016. Para tanto, colocaremos em questão a maneira como o jornalismo dá visibilidade a discursos que os padrões culturais tornam invisíveis em sua normalidade e repetição e a partir disso cria notícias que vão pautar o cotidiano. Outro objetivo é compreender como se estabelecem as disputas de poder no jornalismo e por que esse território reproduz discursos que virão a ser legitimados na sociedade. Também estará em foco a história do movimento feminista presente nas páginas do jornal escolhido como objeto, com a identificação dos seus discursos, percursos, temas, lutas e principais personagens.

Como embasamento teórico da pesquisa, encontramos em Michel Foucault aporte conceitual para tratar da relação entre poder e jornalismo, e nos estudos de discurso, especificamente a Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough, para compreender como as estruturas de discurso legitimam, confirmam, reproduzem, desafiam e põem em prática as relações de poder e de dominância na sociedade. Aqui, o discurso não é dissociado das questões relacionadas à ideologia.

A pesquisa também tem como aporte teórico-metodológico a Hermenêutica de Profundidade, como possibilidade de investigação social, que visa compreender como as formas simbólicas são produzidas. Assim, a compreensão é feita a partir de uma visão mais analítica e interpretativa do objeto, partindo de uma perspectiva macro, seguida de uma dimensão microsocial, lugar onde se dá a produção de sentido (THOMPSON, 1999). O que será apresentado no seminário é a versão preliminar no projeto com foco nas questões teóricas e históricas sobre jornalismo, poder, discurso e feminismos, além de um recorte histórico de apenas dois anos do movimento feminista nas páginas do jornal A Gazeta – um em 1986 e outro, 30 anos depois, em 2016.

O corpus da pesquisa do projeto de Mestrado em Comunicação e Territorialidades, que é composto pelas matérias do jornal A Gazeta de 1986 a 2016, será analisado nos próximos passos, visto que é um processo complexo e que exige maior rigor na coleta dos dados.

O início, os vários fins e o meio: a crise dos jornais sob um olhar histórico

Weber Kirmse Caldas

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação do Prof. Dr. Edgard Rebouças. Email: weberkc@gmail.com

Palavras-chaves: jornais – papel – mídia impressa - crise

Em 2010, o australiano Ross Dawson vaticinou: os jornais estarão extintos nos Estados Unidos,

em 2017. Pela previsão, exposta em um gráfico publicado no site Future Exploration Network, o fim dos veículos impressos no Brasil seria 10 anos depois, em 2027. E a onda de desaparecimentos se sucederia até a metade do século XXI, de acordo com o nível de desenvolvimento de cada país.

A causa dessa extinção incluiria desde questões econômicas até o avanço de tecnologias como telefones celulares, tablets, computadores etc., além da própria digitalização do conteúdo dos impressos.

A “bola de cristal” de Ross Dawson, porém, não funcionou bem. O mercado de jornalismo impresso não deixou de existir nos Estados Unidos e em nenhuma outra parte do mundo, em 2017. Uma história que se repete. Desde o seu início, no século XV, pós invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg, os jornais tiveram por várias vezes o seu fim anunciado, ante o surgimento de novas mídias, como o rádio e a televisão. Porém, ainda resistem como um meio de informação.

O desafio que se apresenta, neste novo milênio, é outro. A “era da internet” e da “sociedade em rede” (CASTELLS, 2001) vem tirando dos jornais “o monopólio da visibilidade pública” (MEYER, 2007). A informação não tem mais um mediador exclusivo. Pode ser publicada por qualquer um, em redes sociais, como Twitter e Facebook, ou em novas mídias, como o Youtube, em um processo de autocomunicação de massa (CASTELLS, 2015, p.22).

Especialista em Economia da Mídia e Política de Negócios da Mídia, o professor norte-americano Robert Picard aponta uma série de ameaças para os modelos de negócios de jornais, agências de notícias e outros produtores de informação no mundo ocidental, desde o início do século XXI: saturação do mercado, perda de audiência (queda do interesse por notícias), diminuição da eficácia do negócio de mídia de massa, efeitos prolongados da crise econômica e impacto das novas mídias digitais. “Tais desafios viraram uma espécie de pedágio para o funcionamento das organizações de mídia” (PICARD, 2014).

Esses desafios já afetam a mídia impressa e se refletem nos números do Instituto Verificador de Circulação (IVC), que apontam queda de 6% na circulação média dos cinco maiores jornais do Brasil, em relação a 2015 (SACCHITIELLO, 2017).

No mercado do Espírito Santo, os dois principais jornais também registram perda de circulação. Entre 2012 e 2016, A Tribuna e A Gazeta tiveram um declínio semelhante, perdendo cerca de 45% na venda de exemplares. Este trabalho se propõe a recuperar outros momentos críticos vividos pela mídia impressa em seus 200 anos de existência no Brasil. Observa ainda que muitas das soluções adotadas atualmente pela indústria de jornais no país, já foram utilizadas também em períodos anteriores: demissões, redução de páginas e extinção de suplementos. Além disso, verifica que, mesmo cientes de que a informação se gasta cada vez mais rapidamente (WOLTON, 2010, p.52), os jornais ainda têm a maior parte do seu conteúdo composta por notícias veiculadas em outras mídias no dia anterior, sem a análise e o aprofundamento requeridos para se manterem atraentes. Para explicar os efeitos que essas ações podem causar aos jornais, recorre-se a Meyer (2007).

Referências:

- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001
- CASTELLS, Manuel. O poder da comunicação. São Paulo: Paz e Terra, 2015
- DINES, Alberto. O papel do jornal: uma releitura. 5.ed. São Paulo, Summus, 1986
- MEYER, Philip. Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação. São

Paulo: Contexto, 2007

PICARD, Robert. Twilight or new dawn of journalism? In: Journalism studies. Routledge, Taylor & Francis Group, v.15, 2014. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670X.2014.895530> Acesso em: 27.fev.2017

SACCHITIELLO, Bárbara. Circulação dos grandes jornais cai em 2016. Meio&Mensagem. São Paulo, 20 fev.2017. Disponível em

<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/02/20/circulacao-media-dos-grandes-jornais-cai-em-2016.html> Acesso em 15 abr.2017

WOLTON, Dominique. Informar não é comunicar. Porto Alegre: Sulina, 2010

A população em situação de rua na região metropolitana da Grande Vitória e sua representação nos meios de comunicação locais: jornal A Tribuna e jornal A Gazeta do Espírito Santo

Weliton Toledo

Mestrando em Comunicação Social – POSCOM/UFES

Rafael Bellan Rodrigues de Souza

Orientador

Palavras Chave: Representação, População em Situação de Rua, Jornal.

Uma vez que pretende ser o espaço compartilhado para o qual os diferentes sujeitos sociais projetam seus discursos, o relato jornalístico tem como pressuposto ser democrático e plural. Entretanto, pesquisadores como Jorge Pedro Sousa (2002), esclarecem que a produção jornalística resulta de um processo de construção em que está em jogo fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e tecnológica que são difundidos pelos meios noticiosos (SOUZA, 2002, p. 13).

Quando o assunto em pauta são “Pessoas em Situação de Rua”, são utilizadas diversas denominações nos setores da sociedade civil, do poder público e dos movimentos sociais. Já os veículos de comunicação costumam utilizar o conceito de “morador de rua” e, portanto, é frequente nos depararmos com manchetes que apagam a heterogeneidade deste público e os remete somente a este único conceito, como se todos que os indivíduos que utilizam a rua como abrigo ou pernoite pudessem ser colocados sob o mesmo rótulo.

Neste sentido, o presente projeto busca analisar e compreender a construção da representação social sobre as pessoas em situação de rua, classificadas pela mídia como “morador (a) de rua”. Esta pesquisa terá como foco de estudo as reportagens que versam sobre esta temática nos jornais “A Tribuna” e “A Gazeta”, no Estado do Espírito Santo.

Este estudo traz à tona um problema que vem sendo discutido sob os mais variados recortes em diversos campos do conhecimento, inclusive na Comunicação Social, o que demonstra que essa dis-

cussão está em pauta é de grande relevância acadêmica e social. Tendo em vista estes fatos, a presente pesquisa busca contribuir não só no contexto teórico, mas, também no contexto social a partir do possível retorno que pode levar a comunidade local, objetivando o respeito as diferenças, a valorização da cidadania e da pessoa e, proporcionando uma outra forma de perceber estes sujeitos no espaço urbano.

As representações mediáticas fazem parte do ambiente cultural em que se dão o pensamento, julgamento e ação dos seres humanos. Embora, numa perspectiva distributiva, possam ser identificadas múltiplas agências de representação, como a escola, a ciência, o sindicato, ainda sim, para a maioria das pessoas, os veículos de comunicação são os provedores primordiais de representações sobre o estado da sociedade, da política, dos costumes e dos valores. Os meios de comunicação modernos são a concretização tecnológica máxima da “representação” naquele sentido de uma reapresentação, a partir da semelhança, da figurativividade da imagem, da simulação e do discurso (SOARES, 2009, pg. 18, 19).

Neste sentido, a pesquisa vai considerar como corpus empírico, a partir do método da análise de conteúdo, reportagens realizadas pelas mídias locais (Jornal A Tribuna e A Gazeta), no período de janeiro de 2014 a dezembro de 2017. Este recorte feito levará em consideração a vigência do atual governo. Para analisarmos algumas definições, sobre a população em situação de rua, vamos dialogar com as literaturas que abordam esta temática (pesquisa bibliográfica), e das observações e entrevistas que pretendemos realizar junto aos representantes do Movimento Nacional e Estadual de População em Situação de Rua, jornalistas e editores que atuam ou já atuaram nos Jornais A Tribuna e A Gazeta no Estado do Espírito Santo.

A territorialidade das câmeras de segurança: as imagens desses dispositivos no telejornalismo capixaba.

William de Oliveira

Aluno do programa de Pós- Graduação em Comunicação e Territorialidade

Rafael Paes Henriques

Orientador

Palavras-Chave: Câmeras de Segurança; Telejornalismo; Televisão.

Esta pesquisa pretende analisar a utilização das imagens produzidas por câmeras de vídeo monitoramento como parte de reportagens veiculadas no telejornal ESTV 1ª edição da TV Gazeta do Espírito Santo. A escolha do objeto dessa pesquisa se deve por haver, ainda, poucos estudos na área da Comunicação Social acerca do assunto, além do tema ser uma observação empírica deste pesquisador que pretende, a partir de agora, aprofundar-se academicamente neste estudo, para contribuir com futuras discussões sobre este tema. Os aspectos da contribuição social e a espetacularização das notícias serão observados, uma vez que os olhares eletrônicos servem de prestadores de serviço nas orientações do tráfego urbano das congestionadas vias públicas das grandes cidades, além da busca constante pela audiência “o universo do jornalismo é um campo, mas que está sob pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência” (BOURDIEU, 1997, p. 77). Durante três meses a pesquisa preten-

de identificar imagens geradas com câmeras de vídeo monitoramento nas reportagens veiculadas no telejornal ES1ª edição da TV Gazeta, Analisando essas imagens pelo olhar dos estudos de noticiabilidade, as possíveis mudanças de critérios na escolha dessas imagens e quais críticas podem ser geradas a partir dessa escolha. A pesquisa será qualitativa, será usado método de estudo de caso comparando as informações contidas nessas reportagens, estruturada por tipo de assuntos, criando assim uma classificação e hierarquização dos temas. O trabalho está na fase de revisão bibliográfica, não sendo possível até então uma análise, pois essa fase ainda não começou. Entretanto empiricamente a pesquisa partirá de uma premissa inicial do uso com pouca relevância jornalística na utilização dessas imagens, tendo como aspectos fortes no uso das imagens de vídeo monitoramento nos telejornais o aspecto do espetáculo. Nesse momento em que a pesquisa está em sua fase de revisão de bibliografia e as coletas de dados, não é possível checar os objetivos propostos no trabalho.

Hegemonia midiática e a reforma do ensino médio: uma análise de enquadramento

Yasmin Ribeiro Gatto

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação Midiática na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp – campus Bauru.

Palavras-chave: Hegemonia midiática; Enquadramento; Reforma do ensino médio; G1.

Este artigo tem como objetivo principal discutir a cobertura midiática sobre a reforma do ensino médio, discutindo a mídia como aparelho de hegemonia e enfatizando o quanto essa discussão deixa de ser democrática a partir do momento que os meios de comunicação assumem um lado da cobertura noticiosa. Em meados do mês de setembro do ano passado, o governo do presidente Michel Temer anunciou um conjunto de medidas para a reforma do ensino médio, entre as quais estão: diminuição da carga horária; retirada do ensino de artes, filosofia, sociologia e educação física como disciplinas obrigatórias; contratação de professores que não tenham que ter necessariamente formação superior, apenas “notório saber”. A grande mídia fez uma série de coberturas tendenciosas, explicando de forma bastante positiva as mudanças ocorridas no ensino de todo o país, sem problematizar a questão, dificultando o entendimento da situação.

Neste trabalho, analisa-se uma matéria jornalística do portal de notícias G1, “Governo lança reforma do ensino médio”, escrita pelo jornalista Mateus Rodrigues. O texto analisado contempla o modelo de texto webjornalístico, trazendo vários links (hiperlinks) e também vídeos, os quais também foram analisados. Utilizam-se como suporte teórico, os conceitos de enquadramento jornalístico, hegemonia midiática, ideologia. A matéria analisada foi publicada no dia 22 de setembro de 2016 e atualizada quase um mês depois no dia 25 de outubro. O texto é intitulado “Governo lança reforma do ensino médio”. E tem como linha de apoio: “Conteúdo obrigatório básico deve ter metade da carga horária total. Apesar de estar em vigor, MP precisa ser discutida e votada no Congresso até 120 dias”.

Na matéria analisada, temos um enquadramento tendencioso tanto no texto quanto no vídeo o que

deixa claro para quem a empresa jornalística está servindo. O jornalista tenta ser imparcial, mas não é. Em todos os momentos da construção do texto há um posicionamento.

Vale ressaltar que existe um aparelhamento ideológico dos meios de comunicação com o governo e vice-versa. Santos e Capparelli (2005) falam que as principais redes do Brasil – Rede Globo, Rede Bandeirantes, Rede Record e SBT transmitem programas unívocos, não existe diversificação do conteúdo e essas redes falseiam uma concorrência por audiência, sendo que todas elas são iguais e tem basicamente o mesmo objetivo, que é dizer ao público o que ele deve pensar e como ele deve agir. Os autores confirmam dizendo:

A rede de clientelismo que configura as comunicações brasileiras passa por distintas formas de associações de interesses, apadrinhamentos e parentescos. O que pode parecer um mercado concorrencial, às vezes, revela-se uma espécie de divisão de bolo entre amigos (SANTOS; CAPPARELLI, 2005, p. 11). Os autores ainda colocam que cada novo governo se torna refém da mídia porque eles precisam dela para construir seu perfil político e é a mídia que vai dizer o que é aquele determinado político, pois bem se sabe que os meios de comunicação são capazes de construir e destruir imagens.



PÓSCOM

Programa de Pós-graduação em
Comunicação e Territorialidades

UFES Centro de Artes
Universidade Federal
do Espírito Santo